

IMPRESSO

Professores advertem: perigo na Internet

Especialistas da UFRGS nas áreas de Informática, Direito e Biblioteconomia fornecem dicas para proteger os usuários na hora de entrar na Rede

Estar seguro na rede depende, entre outros cuidados, de saber identificar mensagens duvidosas, de confirmar a legitimidade das páginas acessadas e de utilizar de forma correta imagens e textos de terceiros. A questão da segurança é um dos temas contemporâneos diante dos avanços tecnológicos.

Professores de diferentes áreas de conhecimento da UFRGS têm-se preocupado com esses e outros temas próprios da comunicação no espaço cibernético.

Falam sobre o assunto os professores Raul Weber, responsável pela disciplina de Segurança em Sistemas de Computação no Curso de Graduação em Informática; Cesar Virtebo Matos Santolin, que ministra a disciplina de Direito na Informática da Faculdade de Direito; e Sonia Elisa Caregnato, que trabalha com produção de documentos eletrônicos na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

— Páginas centrais



FLAVIO DUTRA

CULTURA

Diálogo através da arte no Museu da UFRGS



Rodrigo Nuñez, curador da mostra

O Museu da UFRGS apresenta, até 16 de julho, a mostra "Pequenos Diálogos – Arte e Intertextualidade". São 24 obras, entre esculturas, pinturas, performances, cerâmicas, instalações, arte digital e vídeo-arte, produzidas a partir dos diálogos artísticos que se estabeleceram entre professores e alunos com afinidades técnicas ou materiais. A exposição poderá ser visitada tanto pela comunidade universitária, como pelo público em geral.

— Página 10

O escultor do vento

O músico Carlos Malta, nomeado pela crítica como "o escultor do vento" por seu virtuosismo com instrumentos de sopro, se apresentará ao lado da banda Pife Muderno, no dia 2 de junho, às 19h, com entrada franca. O show, o terceiro da série dedicada à música instrumental, será realizado no Salão de Atos da UFRGS. As senhas para ingresso podem ser retiradas a partir de 30 de maio.

— Página 11

Genética desvenda a história do homem

Para a maior parte das pessoas, o trabalho dos geneticistas permanece no terreno do desconhecido, com suas pesquisas sendo frequentemente associadas ao tratamento de doenças misteriosas. O desenvolvimento de novas áreas do conhecimento, como a genética histórica e a genética antropológica, que procuram refazer a trajetória das populações humanas através dos registros no DNA, lança uma nova luz

sobre este fascinante ramo da ciência. A professora Maria Cátira Bortolini, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS, revela esse e outros aspectos desta importante área científica, mostrando como ela pode ajudar a reconstituir uma parte fundamental da jornada humana sobre a Terra, revelando eventos históricos não contados. — Página 5

Talentos esportivos na Esef

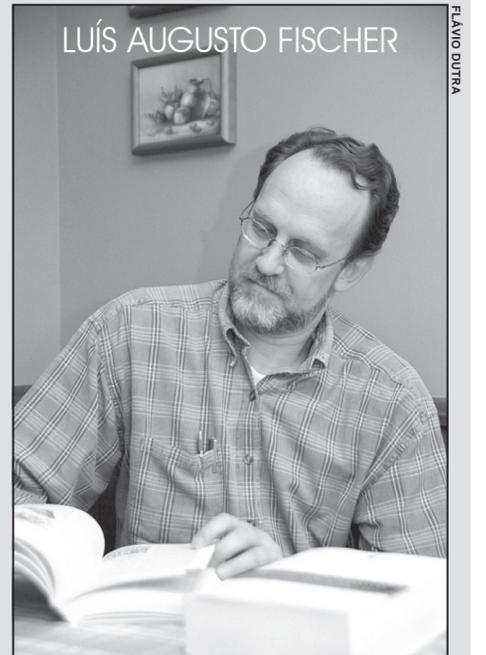


Escolares são avaliados em centros de excelência esportiva

O Projeto Esporte Brasil (Proesp), desenvolvido pela Escola de Educação Física da UFRGS (Esef) com o Ministério do Esporte, traça o perfil do estudante brasileiro, na faixa etária dos sete aos 17 anos. O resultado aparece em duas vias: uma voltada

para os aspectos da saúde de crianças e adolescentes, com a finalidade de verificar o desenvolvimento corporal e o nutricional; e a outra, direcionada especificamente para a descoberta de talentos esportivos. — Página 8

LUÍS AUGUSTO FISCHER



FLAVIO DUTRA

“A língua do Brasil floresce, apesar da invasão do inglês”

O professor e escritor Luís Augusto Fischer vê com naturalidade a entrada de palavras do inglês no português do Brasil: as línguas estão em constante mudança, e é difícil resistir à influência lingüística do país que concentra o poder econômico. Ainda mais, com um sistema de educação frágil, escolas mal aparelhadas, professores mal pagos e uma Academia Brasileira de Letras que não parece muito interessada. Mas Fischer acha que não é para se preocupar, pois não existe um estágio excelente da língua, e sim momentos em que ela floresce na literatura. E, nisso, o nosso português vai muito bem: “Nunca se produziu tanta literatura como agora, nem se viu tanto estrangeiro querendo entender Chico e Caetano”.

— Página 3

ESPAÇO DA REITORIA

Integração de sucesso

JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN

Reitor

As diferentes parcerias que a Universidade estabelece seja com outras instituições, órgãos públicos ou com empresas privadas é a demonstração de que há uma via de duas mãos. Assim como a Universidade oferece o conhecimento produzido em seu interior, ela recebe as demandas que estão além de suas portas e laboratórios. Recentemente, em uma entrevista para o canal UNIV, do qual a UFRGS faz parte, participamos, junto com os reitores da PUC e do Centro Universitário UniRitter, de uma entrevista sobre as parcerias das universidades, um tema que é de profundo interesse desta Administração e que está na ordem dos debates do presente.

Em 20 de abril último, a Unidade Embrapa Soja, localizada em Londrina, Paraná, comemorou 30 anos. Situada numa posição geográfica estratégica, esta entidade, que integra um conjunto de 40 unidades de pesquisa da Embrapa, desenvolve pesquisas e gera tecnologia para as culturas de soja, girassol e trigo. Atende, portanto, necessidades da Região Sul do país, assim como as novas fronteiras agrícolas que se estendem além dos limites do centro-oeste brasileiro. Seu papel tem sido fundamental no constante progresso desta cultura destacando-se, entre outros, o desenvolvimento de mais de 200 cultivares de soja adaptadas às regiões temperadas e tropicais, a geração de tecnologia de produção e o armazenamento e inovação no controle de pragas e doenças.

Na oportunidade dessa comemoração, a UFRGS foi homenageada pelo seu significativo papel na história da sojicultura brasileira, representando as universidades parceiras da Embrapa Soja. Nossa Universidade iniciou na década de 1960, através do Curso de Pós-Graduação em

Agronomia, pioneiro na área das agrárias, pesquisas em soja, girassol e trigo, formando seus primeiros mestres com dissertações sobre o tema. Nessa época desenvolveram-se importantes projetos, como o chamado "Operação Tatu", que resultou na expansão da soja para áreas até então não utilizadas para seu plantio no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Desde então, inúmeros outros projetos foram realizados com resultados positivos em relação a diversos aspectos desta cultura. Aliada à pesquisa, a formação de mestres e doutores, grande parte deles pesquisadores da Embrapa, complementou esta forte relação entre nossas instituições.

O evento comemorativo é emblemático por permitir que hoje, anos mais tarde, possa se analisar as razões do cultivo da soja ter se tornado um projeto vitorioso. Nele, estão presentes os três suportes básicos para o seu sucesso. Em primeiro lugar, as universidades, com pesquisa consistente e de qualidade, proporcionando forte base para formação de recursos humanos que o país precisa. Somente na UFRGS, 1606 mestres e 297 doutores titularam-se em nossa Faculdade de Agronomia. Em segundo, o setor público, com sua estrutura de suporte ao agricultor, como agente formulador e implementador de políticas públicas. E, de fundamental importância, o setor privado, que com seu empreendedorismo transformou a produção da soja numa de nossas maiores riquezas nacionais.

Em Londrina, lá estavam os três, numa clara demonstração dessa integração, ao evidenciar que órgãos públicos e universidades públicas fortes, aliados às forças do setor produtivo, são indispensáveis a uma nação que busca sua afirmação no cenário internacional.

Por que a Física é tão importante

JOÃO SCHMIDT

Professor do Instituto de Física

É um enorme desafio: descrever o impacto da Física para a Humanidade em 3.500 caracteres, conforme solicitado pela editora. E até aqui foram 176! A Física é a ciência que busca o domínio cognitivo de grande parte dos fenômenos que ocorrem na Natureza. Esta busca levada a termo por físicos, tem como mote fundamental a busca do conhecimento *per se*, movidos pela necessidade humana de entender e dominar o que acontece a sua volta. Mas, os efeitos colaterais deste processo de entendimento dos fenômenos físicos têm gerado enorme benefício para a vida das pessoas.

Podemos viajar nesta linha de associação entre a Física e o cotidiano das pessoas iniciando por uma simples pergunta: Como seríamos (ou estaríamos) se não houvesse Gravidade? Esta força mágica que atrai e de certa forma une todas as massas? E que permite que andemos eretos na superfície da Terra? O que adveio do estudo e do domínio deste fenômeno físico chamado Gravidade? Toda a Engenharia Civil sai daí, desde a mais simples casa às mega-estruturas.

Uma outra pergunta poderia ser: Que benefícios a Física trouxe para a área da saúde das pessoas? Que tal: Radiografia? Tomografia computadorizada? Ressonância magnética? Microscopia óptica, eletrônica e de tunelamento quântico? Cirurgia por raio laser? Criocirurgia? Ou a moderníssima tomografia por emissão de pósitron?, e tantas outras. A grande maioria des-

tas técnicas foi desenvolvida inicialmente para a pesquisa de fenômenos físicos e, posteriormente, adaptadas para a aplicação em saúde.

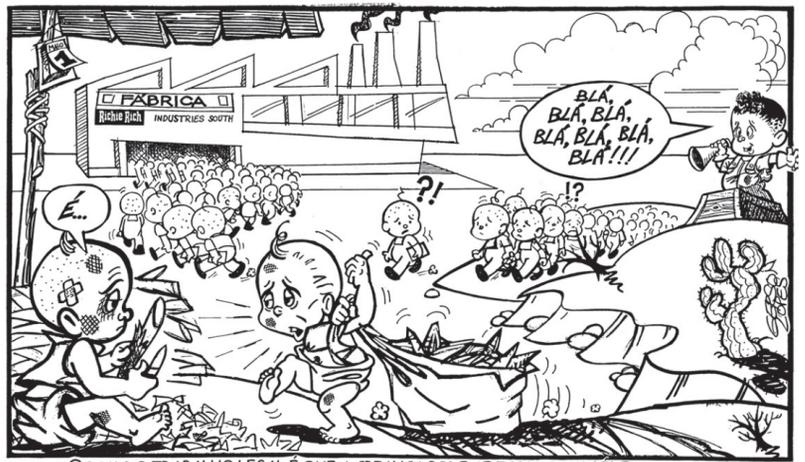
Poderíamos preencher páginas e páginas com os impactos da Física para a vida das pessoas. Todas as formas de energia, todas as formas de comunicação, grande parte dos materiais de alta tecnologia e grande parte da moderníssima Nanotecnologia tem explicações na Física.

Quanto mais aumentamos o nosso conhecimento sobre os fenômenos naturais, mais percebemos o quanto ainda temos a aprender. A Natureza é pródiga e ainda nos reserva muitas surpresas. E é cada vez mais notória a forte ligação entre a Física e outras ciências. Ela não é mais apenas a base das ciências naturais, mas também já influi em outras ciências como Economia e as Neurociências, para dar apenas dois exemplos.

Não podemos esquecer que é muito grande a lista de cientistas que construíram o legado de conhecimento amalhado nestes séculos de busca pela verdade das leis da Natureza. E nela se incluem muitos gaúchos, na maior parte da UFRGS ou egressos dela, e que contribuíram para um vigoroso desenvolvimento da Física no Brasil nos últimos 46 anos. É por tudo isto que se faz jus festejar a Física neste ano de 2005, que foi eleito o Ano Mundial da Física pela Unesco. Para participar das comemorações, acesse o endereço www.if.ufrgs.br.

CHARGE

GERSON LOPES



O BOM DO TRABALHO LEGAL É QUE A CRIANÇA PODE SE TORNAR UM LÍDER SINDICAL E, QUEM SABE, UM DIA CHEGAR A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA!!!

Hospital é lugar de brincar?

TÂNIA RAMOS FORTUNA

Professora da Faculdade de Educação

A recente sanção pelo presidente da República da Lei n. 11104, de 21 de março deste ano, cujo art. 1º determina que "os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências", reforça a idéia de que o educador deve ir onde o aluno está, e se há um aluno hospitalizado, lá deve haver um educador – um educador capaz de brincar e de promover o brincar. Por quê?

Porque o educador lúdico no hospital é aquele profissional que, exercendo a função de recreacionista, brinquedista, professor da classe hospitalar, contador de histórias, ou, ainda, de médico, enfermeiro, psicólogo, assistente social, arte-terapeuta, etc., estimula o desenvolvimento e a aprendizagem humana através de jogos e brincadeiras. A brinquedoteca, como espaço do brinquedo e lugar de brincar é o local especialmente preparado para esta estimulação. Deste modo, contribui para conectar a pessoa com o mundo exterior ao hospital e ajuda-a a compreender o mundo do hospital, brincando.

No Japão, há centenas de anos – o que se observa, também, em outros povos – as bonecas são colocadas junto à criança doente; quando a criança 'fica boa', a boneca é queimada ou jogada fora, para que leve embora, consigo, a doença. O que faz uma boneca ser capaz de afastar a doença? Do que decorre a força curativa do brincar? É sabido que os brinquedos e os objetos de culto têm, em comum, a função de serem ponte entre este mundo e o outro mundo. No caso dos brinquedos, conectam o indivíduo tanto à realidade externa quanto a sua realidade interna. O étimo da palavra brincar, de origem latina, *vinculum*, remete à compreensão da brincadeira como uma liga, assim como uma das explicações

etimológicas da palavra religião é re-ligação, do latim *re-ligare*. Quaisquer que sejam as explicações para a força curativa dos brinquedos e das brincadeiras, a 'mágica' que perpassa o ato de brincar é explicada pelo fato de que, sendo a brincadeira universal e própria do indivíduo saudável, facilita o crescimento e, portanto, é uma permanente passarela para a saúde.

Se o hospital for entendido como um lugar onde a doença e a morte são enfrentadas, a partir de conhecimentos e técnicas especializadas, a favor da saúde. Se a doença for compreendida não como oposição à saúde, mas como desestabilização e confronto com o incontrolável e o inesperado, característicos da vida. E se, a brincadeira baseia-se no enfrentamento do inesperado, exigindo capacidade de enfrentá-lo e ensinando como fazê-lo. Então, brincar no hospital ensina a enfrentar a doença, promovendo a saúde.

Por isso, brincar no hospital reveste-se de um potencial revolucionário, mais amplo e mais fecundo do que o colaboracionismo que caracteriza certas práticas lúdicas no hospital, quando a criança é manipulada e enganada através de brincadeiras, a fim de ser submetida mais docilmente às intervenções laboratoriais, clínicas e cirúrgicas, do mesmo modo que sua aprendizagem é disfarçada através de jogos, na escola.

O potencial revolucionário que tem a brincadeira quando praticada no hospital parte da certeza de que, para além do atendimento às necessidades clínicas, o hospital deve abrigar e desenvolver práticas identificadas com a afirmação da vida. Brincar no hospital é um modo de reafirmar a vida, porque brincar comprova o milagre da sobrevivência: brincar é uma prova de vida.

“Brincar no hospital ensina a enfrentar a doença, promovendo a saúde”

Aos leitores

A partir da edição de junho, o *Jornal da Universidade* apresentará novo projeto gráfico, que inclui alterações em seu formato, características visuais e logotípia. Essas modificações representam um primeiro passo no sentido de atualizar este que é um dos principais veículos de comunicação da UFRGS.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS, CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
homepage internet: www.ufrgs.br

ADMINISTRAÇÃO

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Pró-reitor de Coordenação Acadêmica
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Pró-reitor de Graduação
Carlos Alexandre Netto
Pró-reitora de Pós-graduação
Valquíria Linck Bassani
Pró-reitor de Pesquisa
Cesar Augusto Zen Vasconcellos

Pró-reitor de Extensão
Antonio Carlos Stringhini Guimarães
Pró-reitora de Planejamento e Administração
Maria Aparecida Grendene de Souza
Pró-reitora de Recursos Humanos
Maria Adélia Pinhal de Carlos
Superintendente de Infra-estrutura
Darci Barnech Campani
Secretário de Assuntos Estudantis
Angelo Ronaldo Pereira da Silva
Secretária de Avaliação Institucional
Ana Maria e Souza Braga
Secretário de Educação a Distância
Julio Alberto Nitzke
Secretária de Desenvolvimento Tecnológico
Maria Alice Lahorgue
Secretário do Patrimônio Histórico
Christoph Bernasiuk
Secretário de Relações Institucionais e Internacionais
Paulo Gilberto Fagundes Visentini
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

Coordenador de Educação Básica e Profissional
Aldo Antonello Rosito
Procurador-geral
Armando Pitrez
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello

Jornal da Universidade

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS

Conselho Editorial - Aron Taitelbaun, César Antonio Leal, Diogo Onofre Gomes de Souza, Eduardo Pedro Corsetti, Enno Dagoberto Liedke Filho, Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti Machado, Maria Heloisa Lenz e Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar, Porto Alegre, RS
Fone/fax: (51) 3316-3368/3316-3497
e-mail: jornal@ufrgs.br
homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

Editora-chefe
Ánia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico
Anibal Bendati
Diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra, Luiz Ricardo de Andrade e Reni Jardim
Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolin
Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva, Dalva Bavareco, José Carlos de Azevedo e Tanira Dornelles
Fotólitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Viva o Brasil: tudo é *fashion*, tudo é *new*

ADEMAR VARGAS DE FREITAS
Jornalista

O escritor Luís Augusto Fischer, professor do Instituto de Letras da UFRGS e doutor em Literatura Brasileira, observa a entrada de palavras e expressões da língua inglesa no português do Brasil, e explica por que isso acontece com tanta facilidade.

O inglês está em todo lugar. Na TV, nos jornais, na tabuleta, na camiseta, no *display*, no *outdoor*, na ponta da língua. Do *link* ao *site*, do *shopping* ao *diet*, do *cool* ao *rave*, tudo parece moderno, *up to date*. Mesmo o redundante Silvas's Bar ou o equivocado CD's. E acompanha o *Halloween*, as pilchas de caubói e o sonho de Miami. Tem cara de invasão, mas o professor chama isso de superpresença: algo que sempre ocorreu, mas que agora recrudesce.

Luís Augusto Fischer é atento rádio-ouvinte, telespectador, navegador da Internet, leitor de jornais, anúncios e letreiros. Há dez anos vem produzindo artigos sobre literatura para a imprensa gaúcha e já publicou dois livros de contos, dois livros de crônicas e três dicionários pela L&PM.

O "Dicionário de Porto-alegrês" foi *best-seller* na Feira do Livro de Porto Alegre em 1999; "Gauderiadas" (em parceria com Iuri Abreu) traz expressões gauchescas do tipo "mais apertado que rato em guampa"; e o "Dicionário de Palavras e Expressões Estrangeiras", registra com bom humor o ingresso de vocábulos alienígenas.

Na maneira como assimilamos o inglês, Fischer vê uma espécie de antropofagia. As palavras que chegam vão sendo mastigadas, engolidas, adaptadas, transformadas: *sáitchi* (*site*), *dáitchi* (*diet*), *xétchi* (*chat*), *répiaur* (*happy hour*), *xis* (*cheese*), *óchi dógui* (*hot dog*), *bróder*, *bródi*, *bró*, *brô* (*brother*). Sofrem hipercorreção, tipo pronunciar "cederrum" para CD-ROM ou "côntrol" para *control*. Inspiram arranjos inúteis, como usar apóstrofo antes do "s" para indicar plural.

Ele diz que a entrada de palavras do inglês no português do Brasil já foi vista, em menor escala, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando os americanos espalharam pelo mundo seu poderio, sua tecnologia, sua produção e seus hábitos de consumo. Durante a guerra até montaram uma base militar em Natal (RN).

Muitas palavras introduzidas nessa época, ou antes, já foram abrasileiradas: drenagem, draga, jaqueta, lanche, bife, panqueca, revólver, líder, panfleto, repórter, túnel, futebol. Só que agora a onda de inglês vem apoiada no avanço da indústria cultural de massa e no desenvolvimento acelerado da tecnologia que nos oferecem, seja na informática ou nos aparelhos de som, imagem e telefonia.



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

"O brasileiro não tem nenhum pudor de macaquear qualquer coisa que venha de fora"

VERSÃO BRASILEIRA

Mas, a influência do inglês não se limita ao ingresso de palavras ou à montagem de um *home theater*. Também se criam expressões e jeitos de comunicar com novos empregos e significados para as palavras do português, como aparece na versão brasileira dos filmes de TV. De *certainly* saiu "certamente" e "domingo passado" agora é "último domingo" (o *last sunday* dos ingleses e americanos). Até os tempos verbais sofrem transformação: "vou chegar" virou "vou estar chegando" (de *I will be coming*).

Na TV, o diminutivo dos nomes próprios já não se faz só com "inho", mas também com a anteposição do adjetivo "pequeno", como em "o pequeno Brian". Essa forma também está sendo usada nas legendas dos jornais, que nem se preocupam mais em grifar ou colocar aspas

nas palavras estrangeiras, mesmo que o "i" tenha o som de "ai", como em *site*. Alguns até acham mais prático colocar o adjetivo na frente do substantivo ("a americana Ford..."), como fazem os americanos.

No rádio, cacocetes como *né?*, *quédzê* e *entende?* ganharam um companheiro vindo de fora. É o *ããã*, som que os americanos emitem para preencher o silêncio enquanto tentam lembrar alguma coisa. Enquanto isso, a publicidade bota lenha na fogueira, enfeitando vitrines com *sale* e *off* para indicar liquidação e descontos. Fischer acha tudo isso "horrível, deselegante, uma bobagem".

Bobagem. Só que essa invasão consentida não determina mudança apenas nas marcas das fraldas e das bolachas, influí também nos nomes dos bebês. Inspirados em sons que ouvem in-

Mas o português vai bem: nunca se produziu tanto

Fischer acha que não devemos nos assustar com isso: todas as línguas estão em constante mudança. umas modificam-se mais rapidamente, como o português; outras, mais devagar, como o espanhol. E a diferença de caminhos tem a ver com a diferença de atitudes entre Espanha e Portugal. "A Real Academia Espanhola sempre impôs padrões de ensino e de excelência à língua, inclusive na América, sobre populações que falavam outros idiomas. Isso não aconteceu com Portugal em relação ao Brasil. Enquanto nas colônias espanholas havia universidades e imprensa desde o século 16, no Brasil a imprensa só foi permitida oficialmente depois da chegada da família real, em 1808, e a universidade só começou bem depois." Ele cita Nelson Rodrigues, em cuja obra é doutor. "Nelson Rodrigues costumava dizer que, até conquistar a Copa do Mundo, em 1958, o brasileiro tinha complexo de vira-lata, alma de cachorro de batalhão, ia atrás de quem passasse." E diz agora é diferente: "Não há por que sentir-se inferior, o Brasil é pentacampeão do mundo e 2005 é o Ano da Cultura Brasileira na França". E, mesmo com as influências, o português do Brasil vai bem. "Não existe um estágio excelente da língua, o que existe são momentos em que ela floresce na literatura que produz. E, nesse caso, o português do Brasil vai muito bem: nunca houve tanta gente produzindo literatura como agora. Nem tantos estrangeiros interessados em nossa cultura, estudando português para entender Chico Buarque e Caetano Veloso." Fischer já esteve quatro vezes em Buenos Aires dando cursos sobre a música popular brasileira para os argentinos.

sistentemente na TV, os pais já batizam os filhos com nomes híbridos, como Dêividi, Máicon, Diúli, Daiane.

Se servir de consolo, isso não ocorre só com a gente. Até americanos da classe média entram nessa. Exemplo: o nome da secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, foi tirado de uma partitura musical, uma recomendação em italiano sobre a maneira de interpretar. Mas, ao copiarem *con dolcezza* (com doçura), trocaram o *c* por *e*.

Para Fischer, esse pseudo-refinamento é mais ridículo do que a ignorância, que leva um brasileiro a batizar o filho com a corruptela de um nome próprio estrangeiro. Quase tão ridículo quanto usar chapéu de caubói, querer morar em Miami ou erguer uma réplica da Estátua da Liberdade na Barra da Tijuca, como já foi feito.

A língua do dominador sempre influi na língua do dominado

Mas, afinal, por que está acontecendo tudo isso? "Em primeiro lugar, porque o Brasil é um país vulnerável à dominação econômica, e a língua do dominador sempre influi na língua do dominado", diz Fischer. Tem mais chance de impor sua língua e seu jeito, o país que detém a ciência e a tecnologia, ou que desenvolve a cultura e as artes, ou que concentra o poderio econômico e militar.

Depois, o Brasil sempre teve uma cultura de admiração e até de submissão ao estrangeiro. Tudo o que vem de fora parece melhor. Tanto que, no século 19 – quando Paris era a referência intelectual do Brasil, embora Londres já fosse a capital econômica do mundo – o francês influiu na nossa língua: *vis-à-vis*, *abat-jour*, *nouveau riche*, *birô*, *bidê*, *grená*, termos agora demodês.

E tem mais: o povo adora novidades. É novo? Já tô usando. "Não temos nenhum pudor de macaquear qualquer coisa que venha de fora", diz Fischer. Também pesa um certo complexo de inferioridade do brasileiro em relação à própria língua. O que nos leva a chamar de *mouse* esse periférico que os portugueses chamam de *rato* e os latino-americanos, de *ratón*.

Além disso, a supremacia do inglês foi facilitada durante a ditadura militar (1964-1985), que, obedecendo a sugestões de fora, retirou das escolas o latim e o francês, e incentivou o ensino da Economia em detrimento do ensino do Direito e das Ciências Humanas. "Com isso, foi-se uma parte da cultura do mundo neolatino, e o inglês que veio não foi a língua culta e sim o inglês de ler manual de operação de máquina", lamenta o professor.

Ele lembra também que, no final dos anos 60, aqui no Rio Grande do Sul, foi extinto o ensino da Literatura Portuguesa nos colégios estaduais (o secretário da Educação era um coronel). E que só recentemente o inglês deixou de ser a única língua estrangeira aceita no vestibular da UFRGS.

O mais grave, alerta Fischer, é que o sistema brasileiro de educação é frágil, mal aparelhado e com professores mal pagos. E, para culminar, a Academia Brasileira de Letras demonstra um certo descuido em relação ao assunto. "AABL, fundada em 1897, nem ao menos distribui convenientemente, sequer coloca na Internet, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, teoricamente, o cânone do português escrito no Brasil."



Antropóloga analisa a dispersão de povos

Em sua tese de doutorado, a professora Denise Fagundes Jardim trata dos imigrantes palestinos que chegaram ao extremo sul do Brasil e vivem na cidade do Chuí. Partindo do caso palestino, Denise afirma que todos podem viver o sentimento de diáspora (dispersão) quando alimentam o desejo de retornar ao local de origem. Nesta entrevista, a professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, amplia sua análise e discute, entre outros assuntos, a identidade nacional e a percepção ocidental dos povos do Oriente Médio.

Jornal da Universidade – Como podemos entender os processos de diáspora?

Denise Fagundes Jardim – Em geral, o conceito de diáspora remete a um sentimento de identificação de uma coletividade com origem e destino comuns. Em particular, podemos aprender sobre esses “deslocamentos” em sua diversidade. Portanto, o termo introduz novidades ao estudo de experiências migratórias. Não estamos falando de processos de assimilação aos “locais”, mas de um estrangeiro que, mesmo sendo nacional, evoca uma origem distinta e comum à sua coletividade. A expressão diáspora - que parece tão antiga - nos lembra que há povos que, forçados por distintas razões - políticas, culturais, econômicas - acabam vivendo entre dois países. Entretanto, lembra também que há coletividades que vivem entre dois países, entre aeroportos ou rodoviárias. Trabalham em um país e enviam ou agregam recursos (seja lá o que for, dinheiro, hospedagem, escolaridade) a membros da família que “vem” passar temporadas longe da família de origem. Esses deslocamentos têm sido chamado de imigrações transnacionais. Ou seja, mais do que o desejo de “assimilar-se aos nacionais” ou de conquistar outro *status* na sociedade que os recebe, a questão principal é de fazer com que um período mais ou menos prolongado viabilize planos familiares, capacite uma nova geração a postos de trabalho (seja onde for, aqui ou lá).

JU – Como as investigações acadêmicas têm abordado a diáspora de diferentes povos?

DJ – O tema da diáspora tem inspirado uma série de investigações acadêmicas na tentativa de entender como diferentes povos lidam com a questão do desenraizamento de seu lugar de origem. Em geral, esse termo remete à diáspora judaica, mas muitos outros povos, antigos e contemporâneos, poderiam ser descritos dentro dessa experiência de deslocamento e de investimento no mito do retorno. Assim, na atualidade, falamos de uma diáspora chinesa, portuguesa, palestina, haitiana, uruguaia, africana, marroquina. O uso do termo diáspora lembra que esse retorno é visto pelos próprios retirantes como algo desejado ou projetado. A experi-

ência do deslocamento os identifica como coletividade, mesmo que efetivamente o retorno seja quase sempre prorrogado, porque é inviável politicamente ou por não contemplar a vontade de todos os membros da família, espalhados em diversas nações.

JU – Além do caso palestino, tema de sua tese, que outros exemplos de diáspora podem ser citados?

DJ – Embora a história esteja repleta de exemplos de povos que vivem em diáspora, na atualidade, temos o recente caso chinês que começa a suscitar pesquisas. Mais próximo de nós, existem os uruguaio. Todos reconhecem viver uma diáspora pois escolhem outros países onde buscam desenvolver suas carreiras, sabendo que exercê-las em seu país seria pouco viável, mas não perdem os vínculos e as possibilidades de retornar esporadicamente. Os haitianos têm tipificado o fenômeno da transnacionalidade por viverem entre o Haiti e os Estados Unidos ao mesmo tempo. No Brasil, intelectuais do movimento negro utilizam o termo para referir à diáspora africana e analisar os efeitos do racismo em um segmento que às vezes é classificado como “estrangeiro” e por vezes como “nacional”. Essa ambigüidade do estrangeiro, mesmo o nascido em solo nacional é algo que tem motivado os estudos sobre as feições contemporâneas do debate sobre cotas e racismo.

JU – Que elementos culturais dos povos do Oriente Médio podem nos ajudar a compreendê-los melhor?

DJ – Sobre a situação atual do Oriente Médio, é necessário conhecer os impasses produzidos pelas descolonizações e acordos conduzidos no período após a Segunda Guerra Mundial. Para falar da cultura desses povos, é recomendável não excluí-los das relações com o dito Ocidente, nem destituí-los de relações históricas com os processos de descolonização. O que presenciamos normalmente é a reedição de uma fronteira entre Oriente e Ocidente, como se os povos “de lá” não conhecessem a cultura “de cá”. De fato, esta divisão do mundo tem ajudado a veicular uma retórica civilizatória mais do que nos dar acesso à diversidade cultural dos países e à pluralidade dos movimentos que vêm dinamizando a vida social e política nesses diversos e singulares países.

JU – Como os desterrados reagem à permanente situação de conflito palestino-israelense?

DJ – A história da questão palestina tem sido uma história de impasses diplomáticos, conflitos e algumas tréguas. Tanto quanto a maioria dos meus entrevistados palestinos aqui no sul, me tornei bastante cética em relação à paz e, como eles, acabo aguardando notícias sobre os conflitos e disputas de limites territoriais e de controle

político na região. Eles querem saber em que bairro isso está acontecendo, em que região, de qual cidade, se há parentes atingidos, se será mais difícil revê-los. Esses fatos têm realimentado e dado novos sentidos ao sentimento de identidade de palestinos e israelenses, bem como de libaneses e sírios, frente à existência do Estado de Israel. A experiência de guerra não é algo que se apague facilmente de uma geração a outra. Para entender o impasse das relações palestino-israelenses um bom filme é “Hanna K”, de Costa Gavras.

JU – De que forma o Ocidente vê os povos árabes?

DJ – Existem autores que são brilhantes nessa questão. Considero obrigatória a leitura de “Orientalismo” de Edward Said, pois proliferam manuais rápidos do tipo “para entender o mundo árabe”, tomando a vasta história da Idade Média como formadora de um modelo de interpretar o mundo e de fazer história. Mais do que mostrar a complexidade dos árabes, tais manuais pretendem generalizar posturas simplistas. Said foi um dos primeiros a mostrar nossas dificuldades de entender o mundo árabe diante das camadas e camadas de imagens com que inventaram sua exotividade e o afastaram como “um outro mundo”. Ele recupera relações históricas, políticas e artísticas entre o dito ocidente e o oriente. Tem o mérito de mostrar o funcionamento dessa máquina de imaginar a cultura árabe como unívoca e exótica. No Brasil foi publicado recentemente o livro “A Imigração”, de Abdelmalek Sayad. Embora se restrinja à relação França-Argélia, é um trabalho exemplar sobre a imigração argelina para a França e os nexos históricos com o colonialismo francês.

JU – E como esse autor aborda o desenvolvimento da identidade palestina?

DJ – Ele nos deixou um conjunto de textos sobre a identidade palestina e sobre o sentimento

nacional. Em “Fuera de lugar” ou nas “Nuevas Crônicas Palestinas”, reflete sobre o processo de paz e o intrincado jogo político a que estão submetidas as divergentes forças que participam das mesas de negociação. Ele sempre foi muito crítico aos nacionalismos, que identificava como sentimentos que comprometiam o processo de paz, levando a impasses insolúveis. Creio que tentava nos mostrar que sentimentos nacionais não são forças ancestrais e naturais, e que um exercício de humanismo é capaz de sobrepujar o uso político que tem sido feito da idéia de nacionalismo. Com certeza, o termo nacionalismo não é forjado ou exclusivo do Oriente Médio, embora nos explique as reedições dos conflitos e a força dos jogos de guerra entre os políticos nacionalistas. No Brasil, conhecemos sua face lúdica, mas não podemos esquecer as fraturas que os conflitos de cunho nacionalista ocasionam através de gerações.

JU – A partir da questão palestina, o que conclui sobre a experiência do desterro?

DJ – Meu intuito é de colaborar com o entendimento sobre o que vem sendo chamado de “questão palestina” ou “conflito no Oriente Médio”. Para tanto, é necessário beber de várias fontes da historiografia, literatura e etnografia, sempre de modo crítico. Em princípio, a antropologia pretende aproximar-se do “estranho” e torná-lo familiar. Algo tão distante pode ter a ver com os nossos problemas imediatos? Imediatamente não. Para mim, esse exercício era necessário em virtude das entrevistas que eu fazia com imigrantes. Como antropóloga, achava atraente a experiência de “desterro” e de recuperação de laços sociais, a singularidade de uma experiência social. Mas, tal aproximação é uma boa oportunidade para refletir e indagar sobre diversos assuntos, entre eles, sobre como imaginamos povos distantes e como imaginamos a nós mesmos como ocidentais civilizados. (JCS)



Cristão copta, em Jerusalém

FLÁVIO DUTRA / PROJETO APOLOINA / NÚCLEO DE FOTOGRAFIA FÁBICO



Denise Jardim acredita que qualquer pessoa pode viver o sentimento de dispersão do lugar de origem

Pesquisa do genoma humano reconstrói história das populações

ÂNIA CHALA
Jornalista

A professora Maria Cátira Bortolini, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da Universidade, explica como a genética pode recuperar a história das populações humanas, incluindo a de povos extintos. Formada em Biologia, com mestrado e doutorado na UFRGS e pós-doutorado na Universidade de Londres, a pesquisadora afirma ainda que afro e euro-descendentes têm muito mais em comum do que se poderia imaginar.

A linha de investigação do genoma humano pode ser dividida em duas grandes vertentes: a dos pesquisadores que se dedicam a estudar a variação patológica ou que resulta em patologias no genoma e a dos que analisam a variação normal. No primeiro grupo situa-se o pessoal da área médica, que investiga os chamados polimorfismos e outras alterações associadas a patologias, abrangendo doenças genéticas das mais variadas, inclusive as de natureza complexa como câncer, alcoolismo, doenças cardiovasculares e obesidade. No segundo, os pesquisadores que, como a professora Maria Cátira, não trabalham com doenças, mas sim com a diversidade normal do genoma.

Nos últimos anos, com o desenvolvimento da genética e da biologia molecular, surgiram novas áreas, como a genética histórica e a genética antropológica, que procuram reconstituir a trajetória das populações humanas. Até então, só era possível pesquisar a partir da existência de algum registro, o que resultava em muitos eventos históricos não contados.

O estudo do genoma tornou possível estabelecer a história das populações sem esses registros, porque a trajetória evolutiva particular de cada população ou grupo populacional está marcada no DNA. Com relação às populações nativas, por exemplo, Maria Cátira destaca que alguns trabalhos procuram desvendar questões sobre o povoamento inicial da América. Conforme a pesquisadora, “são eventos que ocorreram há cerca de 15 mil ou 20 mil anos e que não estão registrados, pois eram populações ágrafas, que só tinham a tradição oral para contar sua história. Como essa história não foi transmitida através das gerações, perdeu-se no tempo ou foi mascarada pelos mitos”. No entanto, ao analisar o genoma destas pessoas, os pesquisadores encontraram identidade com populações asiáticas. Antes do desenvolvimento das pesquisas com o genoma, quem fazia este tipo de investigação eram os paleontólogos, os arqueólogos e os antropólogos físicos. Hoje, estudando os registros nos genes das populações atuais, a genética consegue definir a origem, o local, a época, o número de indivíduos que migraram e, inclusive, como eram as relações de cruzamento em épocas remotas.

HISTÓRIA DAS MIGRAÇÕES

O surgimento do homem moderno deu-se provavelmente na África, há 120 mil anos. Como qualquer espécie que em dado momento começa a migrar e a espalhar-se por todos os continentes, até aquela fase de dispersão, tínhamos um *background* genético comum. Porém, segundo a professora Maria Cátira, estabeleceu-se um tempo de isolamento entre as populações, como consequência da dispersão pelos continentes. “Embora entre esses grupos nunca tenha deixado de existir algum fluxo de genes, como um todo eles permaneceram isolados por, pelo menos, 50 mil anos. Aí surgiram mutações específicas, pois o DNA modifica-se constantemente”, afirma a pesquisadora. Essas mutações ou sinais, chamados entre os geneticistas de marcadores de linhagens, permitem o estudo da ancestralidade genômica das populações contemporâneas.

Assim, a história de uma comunidade é resgatada quando, por exemplo, encontramos na população brasileira linhagens mitocondriais, isto é, linhagens genômicas só transmitidas pelas mulheres, com mutações típicas de africanos. Tal ocorrência pode confirmar que uma pessoa, in-



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Pesquisas permitem o resgate da história de povos extintos

Populações do pampa guardam genes charruas

Um dos trabalhos desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS procurou desvendar as origens da população do pampa rio-grandense. A aluna Andréa Rita Marrero, desenvolveu uma pesquisa durante seu curso de doutorado em que foram detectadas algumas linhagens mitocondriais, ou seja, transmitidas através do parentesco materno, que podem ser de charruas.

Para a professora Maria Cátira Bortolini, a pesquisa “permite o resgate da história de uma

população extinta, através do estudo da carga genética de seus descendentes, que nem sabem que descendem de charruas”.

A pesquisadora enfatiza que o trabalho de paleontólogos não detecta essa mistura porque, do ponto de vista físico e cultural, os charruas desapareceram no século XVIII, mas os seus genes estão presentes nas populações contemporâneas do pampa gaúcho. “A história dizia que o que havia de traço indígena na formação do gaúcho típico era de origem majoritária guarani, mas estamos vendo que não é só guarani e que

no pampa, pode ser sobretudo charrua. A história também dizia que os charruas eram muito arredios e rebeldes, mas suas mulheres foram incorporadas à população para a formação do gaúcho”. Diferentemente do caso das populações com uma história recente de mistura européia pelas migrações ocorridas no século XIX, até pouco tempo, as populações com uma história de mistura mais antiga não tinham como saber quem foram seus ancestrais. Atualmente, graças às pesquisas genéticas, este quadro pode ser modificado.

dependente da cor de sua pele, teve uma ancestral africana em algum momento de sua história.

AFROS SUPERAM ESTATÍSTICAS

Segundo a pesquisadora, estudos em que são aplicadas modernas técnicas da genética permitem definir com relativa precisão a proporção de linhagens africanas em uma determinada população. Um trabalho produzido recentemente pela professora Mária Cátira em parceria com o pesquisador Sergio Danilo Pena, da

UFMG, estimou o número de brasileiros afro-descendentes do ponto de vista genômico. O resultado abriu uma nova frente de discussão sobre o programa de cotas do MEC: a análise do genoma da nossa população revelou que o país tem 146 milhões de afro-descendentes, número que supera em muito o das pessoas que são negras do ponto de vista fenotípico, ou seja, que apresentam as características aparentes da chamada “raça” negra.

Maria Cátira entende que o termo afro-descendente foi politicamente incorporado à semântica da discussão sobre as cotas. Num congresso de antropologia social, afirmou: “Se tu gostas do termo porque ele reforça uma ancestralidade em detrimento das outras, tudo bem, é uma opção política tua. Agora, se analisarmos o genoma da nossa população, os afro-descendentes são em número muito maior do que aqueles que têm a pele negra.”

A professora defendeu ainda que o mesmo raciocínio vale para uma pessoa negra que se define como afro-descendente para reforçar sua condição política. “Do ponto de vista genômico, é possível dizer com absoluta certeza que essa pessoa provavelmente também é euro-descendente, por causa da nossa história de mistura”.

Mesmo que não conhecêssemos nada do processo colonizador brasileiro e latino-americano em geral, a mistura poderia ser comprovada pela análise dos genes, porque as linhagens femininas têm marcas ameríndias e africanas muito presentes. Por outro lado, as linhagens que vêm pelos homens através do cro-

mosso Y são praticamente todas européias. O que, acredita a pesquisadora, nos garante um genoma absolutamente sincrético.

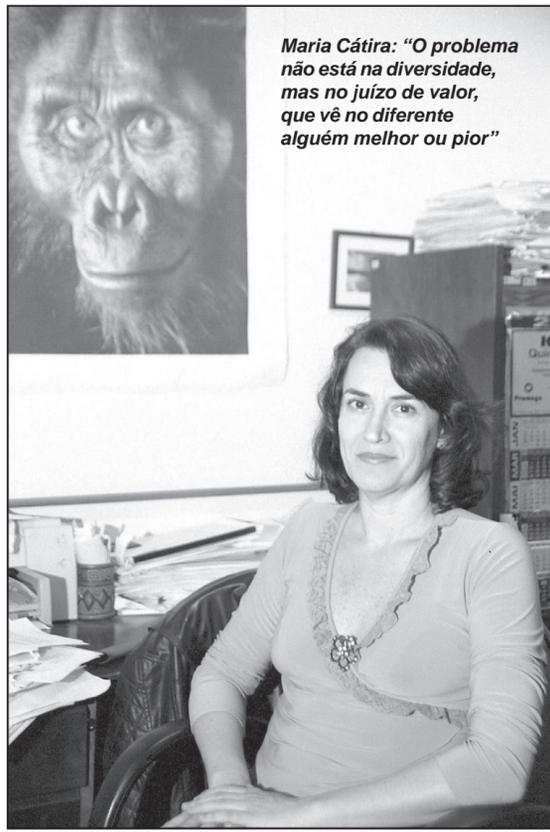
DIFERENTE NÃO É MELHOR OU PIOR

Ao falar sobre a importância do estudo da diversidade do genoma humano, a professora lembra que as pessoas são diferentes umas das outras. “Mas essas diferenças são mínimas com relação ao resto do genoma, pois pertencemos à mesma espécie e temos uma identidade evolutiva de milhões de anos. Todos somos humanos.”

Esse tipo de trabalho mostra, por exemplo, que falar de raças biológicas não faz sentido, pois a variação do genoma é muito maior dentro das populações de determinada região do que entre populações de diferentes áreas. Assim, se compararmos geneticamente duas populações do sul do Saara, encontraremos mais diferenças do que se fôssemos compará-las com uma população européia. Isso ocorre porque, segundo a professora, a maior parte das diferenças está dentro dos grandes grupos geográficos. No entanto, por falta de conhecimento da evolução biológica, as pessoas têm muito preconceito associado à diversidade, como se ela representasse um grande problema. “Ora, é o resultado de nossa história evolutiva. O problema não está na diversidade, mas no juízo de valor, que vê no diferente alguém melhor ou pior”, afirma.

Não há como imaginar a vida sem a diversidade, que é tanto causa como consequência da evolução biológica. O fato de que algumas diferenças são visíveis, como a cor da pele e a estatura, não significa que as diferenças invisíveis, como as que determinam suscetibilidade diferencial a drogas, não sejam importantes.

Para a pesquisadora, “o estudo da diversidade é algo que veio para ficar, porque seus benefícios são absolutamente extraordinários” e deles derivam novos campos de investigação, como a farmacogenética e farmacogenômica, que procuram conhecer o perfil genético individual das pessoas para prescrever medicamentos mais adequados àquele perfil.



Maria Cátira: “O problema não está na diversidade, mas no juízo de valor, que vê no diferente alguém melhor ou pior”

Cuidado, você acaba de entrar na Internet!

JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

Jornalista

Quem se sentiria seguro ao conversar com estranhos em uma rua deserta e escura? Mas quando se trata dos contatos na Internet, nem sempre a prudência fala mais alto, e um simples clicar de botão pode causar muitos problemas. A questão da segurança na rede é um dos temas contemporâneos diante dos avanços tecnológicos. O Jornal da Universidade foi buscar respostas junto a três professores da UFRGS.

“**O** i! Conheci você há algum tempo. Admiro seu jeito, nunca me manifestei, porque fico com um pouco de receio. Estou te mandando um álbum de fotos e uma pequena mensagem. Espero que goste, mas por favor mantenha discrição. Caso não goste não precisa nem responder. Adoro você. tchau..... <http://www.gratisweb.com/confira123/veja.exefotos.jpeg>.”

Distraídos ou solitários, a verdade é que muitos usuários da Internet caem nesse tipo de mensagem enganadora. São os spams chamados cavalo de Tróia, que instalam programas espíões nos computadores do navegador da rede, enviando informações para algum hacker (pirata) ou a outro micro.

“Todo mundo deveria estar consciente de que navegar na Internet é como estar andando por um bairro desconhecido de uma cidade grande, à meia-noite. Não dá para sair acreditando em qualquer um.” O alerta é do professor Raul Weber, responsável pela disciplina de Segurança em Sistemas de Computação no Curso de Informática da UFRGS, oferecida tanto na graduação e pós-graduação. Segundo Weber, embora a tecnologia que existe hoje em dia seja suficiente para garantir a segurança durante a navegação na Internet, não há como prever a reação do internauta: “O usuário é o elo frágil da rede”, diz.

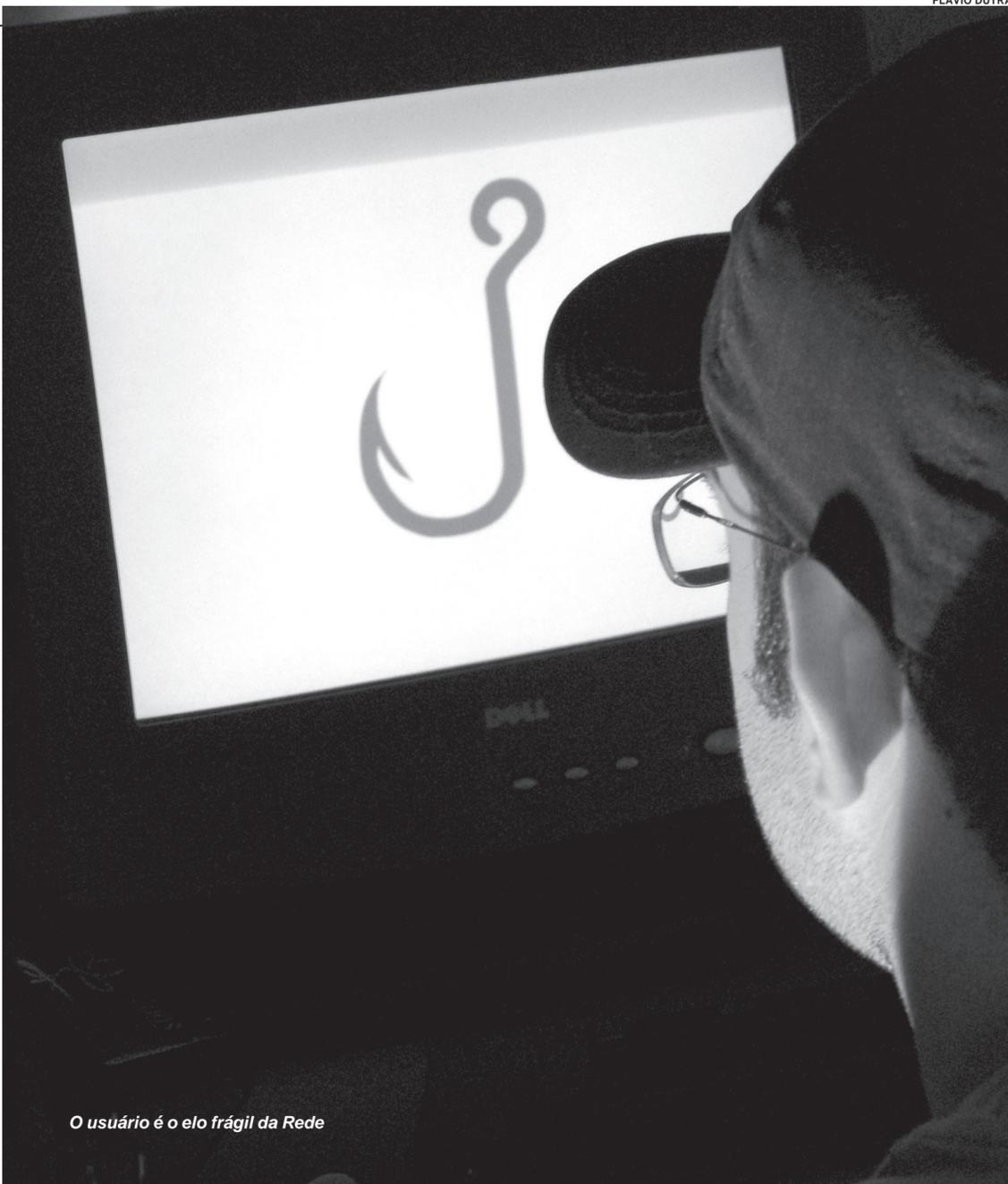
O objetivo das pesquisas em segurança é identificar os pontos fracos e tentar definir uma estratégia de defesa. A intenção é não esperar o desastre acontecer, tomando medidas prévias. Muitas vezes, isso pode ser feito sem que o computador ou os programas sejam modificados. Em outros casos, a situação requer o uso de novos programas, como o *firewalls*, também chamado de porta corta-fogo, pois controla as informações que entram ou saem do computador. Até pouco tempo, os micros aceitavam conexões de e para qualquer outro terminal na Internet, e não havia nenhum controle disso.

Mas, segundo Weber, a questão mais recente sobre segurança no espaço cibernético é relativa aos celulares. Ao passar de simples aparelho telefônico móvel para, entre outras funções, ferramentas conectáveis com a Internet, o celular tornou-se presa fácil para os perigos da rede. “O fato é que os mecanismos de defesa que existem para os computadores não têm equivalente para o celular”, esclarece o professor. E a principal preocupação neste contexto é com a clonagem do número de série do aparelho. Embora afirme não conhecer profundamente o tema, Weber prevê que em breve serão desenvolvidos programas de segurança específicos para celulares, devido ao acelerado desenvolvimento da tecnologia de comunicação.

DICAS A USUÁRIOS

Weber já está acostumado a fazer analogias para ilustrar suas aulas e alertar os alunos. “Vocês iriam à meia-noite no Parque da Redenção trocar CDs com um cara que nunca viram na vida?” Mais uma vez, ele comenta a fragilidade daquele que acessa a Internet. Mesmo com toda a formação acadêmica em sofisticadas tecnologias, na hora de realizar transações virtuais, os jovens estudantes podem comportar-se como usuários comuns, para quem é difícil transpor para o mundo virtual os evidentes perigos de contatos com estranhos.

Para evitar as consequências de atitudes como estas, o professor dá alguns conselhos: manter o sistema atualizado junto ao



O usuário é o elo frágil da Rede

fornecedor do sistema operacional (quem usa o sistema Windows deve consultar periodicamente a página da Microsoft); manter programa antivírus atualizado; ativar pelo menos uma vez por semana o “caçador de espíões”, já disponível na rede; e, por fim, usar o bom senso.

Esta última recomendação torna-se mais útil quanto mais convincente for a mensagem. Mesmo sabendo que instituições sérias, como bancos e páginas oficiais, não mantêm correspondência eletrônica com seus clientes ou visitantes, é difícil duvidar de certas correspondências atribuídas a elas. Em caso de dúvida, Weber recomenda que o usuário só abra o *link* depois de três dias, tempo suficiente para que tais instituições constatem a fraude e tirem o engodo do ar.

Mas há também uma alternativa preventiva. Em caso de mensagens recebidas, a dica é verificar se o endereço eletrônico que está no texto ou na barra inferior da tela é verossímil. Weber traz como exemplo um recente spam atribuído à Receita Federal que atingiu muita gente. O endereço <http://www.receita.fazenda.gov.br/Auxiliar/ConsDecEntRestdefault.htm> vinha logo após o texto: “Caso já tenha retificado sua declaração acesse o *link* abaixo para retirar seu *e-mail* da lista de regularização”.

Ao passar o cursor nesse endereço, aparecia na barra in-

ferior da tela outro sintoma de fraude: <http://wwwsecurity.org/images/receita/DDA2005.exe> O problema está todo aí, nestas últimas três letras “exe”, indicativo de um programa executável, que fará baixar alguma companhia indesejável no computador do internauta desavisado. Existem mais sufixos com esse fim: scr, com, cpl, pif, bat, entre outros. “Quando surgirem, a ordem é deletar a mensagem”, diz Weber.

Para transações comerciais ou atividades em páginas de banco, Weber tem outros conselhos. Usando o Banco do Brasil como exemplo, ele recomenda que o usuário confira dois dados importantes que indicam a segurança do sistema e da transação a ser feita. Um deles é o acréscimo da letra “s”, relativo a segurança, junto à expressão http no endereço do banco na janela da parte superior da tela. De <http://www.bb.com.br/appbb/portal/voce/cd/index.jsp> o endereço passa para <https://www2.bancobrasil.com.br/aapf/aai/login.pbk>.

Outra evidência de segurança é a presença da figura de um cadeado no lado direito da barra inferior da página. Só quando esse cadeado estiver fechado, é possível fazer as operações necessárias sem perigo. Estas regras servem para todo tipo de conexão segura na Internet, seja em transações comerciais com alguma loja, seja na hora de acessar o banco.

Rede dá novo enfoque para direito autoral

A rede veio trazer uma questão polêmica para o direito autoral, avalia a professora Sonia Elisa Caregnato, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Há quatro anos, ela trata desse assunto na disciplina Produção de Documentos Eletrônicos no curso de Biblioteconomia, uma das novidades do currículo.

Até então, o tema era discutido exclusivamente no contexto analógico. Sabia-se, por exemplo, que um livro não pode ser copiado na íntegra, mas apenas em pequenos trechos de um único exemplar, e sem fins comerciais. Com a rede e a mudança nos processos de criação, produção e reprodução da informação, começaram os questionamentos sobre a viabilidade da aplicação da lei de direito autoral no âmbito virtual. Segundo Sonia, o principal problema é a facilidade de publicação na rede, onde qualquer um pode veicular qualquer coisa.

Surge também a questão de como identificar o texto original, requisito básico para o cumprimento da lei. “Isso desaparece, porque qualquer pessoa pode acessar a informação disponibilizada na rede”. Antes era muito clara esta distinção, pois havia um determinado número de exemplares produzidos

para cada edição. Embora reconheça a dificuldade da delimitação das fronteiras do direito autoral na rede, Sonia classifica como um avanço tecnológico a possibilidade de um número maior de pessoas acessar as informações que circulam na Internet. “É ilusão pensar que esse acesso é livre e gratuito.” Àqueles que pretendem criar páginas, ela adverte sobre atos transgressores e a possível apuração de responsabilidades: “O uso indiscriminado de textos de terceiros na rede não é permitido. As regras de direito autoral valem tanto para o material impresso como para o material publicado no meio eletrônico”.

ORIENTAÇÕES NECESSÁRIAS

A professora dá algumas dicas quanto ao que pode ser publicado sem problemas. Primeiro, em caso de textos, imagens, fotos, ilustrações etc., é sempre necessário obter a autorização do uso por parte daqueles que detêm o direito autoral. Essa regra vale tanto para o internauta comum quanto para veículos de comunicação que desejem fazer uso do material exposto na Internet. Sonia também recomenda aos usuários que consultem o texto da lei de direito autoral no endereço <http://www.bn.br/Script/>

[FbnMeioEDALei.asp?pStrCodsessao=6C094C2E-A0EC-4BAD-a7F7-](http://www.bn.br/Script/FbnMeioEDALei.asp?pStrCodsessao=6C094C2E-A0EC-4BAD-a7F7-). Mas essa exigência desaparece quando os textos já atingiram o caráter de domínio público, após ter passado 70 anos da morte do autor. Sonia traz como exemplo as obras de Shakespeare e de Machado de Assis, disponíveis em bibliotecas digitais. Esses e outros autores nas mesmas condições podem ter suas obras digitalizadas e oferecidas na rede. “Já existem cerca de duas mil obras literárias em formato digital no Brasil”, comenta.

A própria UFRGS oferece desde o ano passado a página de sua Biblioteca Digital de Teses e Dissertações: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital/>. Primeiro, estão sendo publicadas teses e dissertações defendidas a partir de 2001, cabendo aos Programas de Pós-graduação providenciar a autorização do autor e uma cópia em formato eletrônico. A inclusão dos trabalhos realizados nos anos anteriores será feita à medida que cada um desses programas obtiver autorização dos autores. Atualmente existem 2.420 trabalhos publicados. Os cursos com maior participação até o momento são: a Engenharia, com 482 teses; a Administração, com 367; a Informática, com 247; e a Medicina, com 202 trabalhos.

UFRGS foi pioneira em Direito na Informática

A disciplina Direito na Informática foi oferecida pela primeira vez no curso de graduação da Faculdade de Direito da UFRGS em 1994. Naquela época, o conteúdo estava voltado ao caráter instrumental das novas tecnologias, os estudantes aprendiam a utilizar a informática como ferramenta para o exercício da profissão. Pouco tempo depois, em função da proliferação de prejuízos aos usuários da rede, a disciplina ganhou novo enfoque, passando a se chamar Direito da Informática, ministrada pelo professor Cesar Virtebo Matos Santolin.

No ano passado a disciplina foi desenvolvida pela primeira vez na pós-graduação, depois de adaptações e aprofundamentos realizados pelo professor Santolin. Seu interesse pelo assunto vem desde o doutorado, quando investigou a aplicação dos princípios de proteção do consumidor no comércio eletrônico. Embora ainda não tenha nenhum orientando na área, Santolin afirma que o interesse dos alunos tem aumentado.

Mas a falta de pesquisas no campo do Direito em relação à Informática não é exclusiva da UFRGS, nem do Brasil. Ainda é incipiente a criação de leis próprias para as questões que envolvem crimes na rede.

Conforme Santolin, no caso brasileiro, o princípio constitucional diz que não existe crime sem lei que o defina como tal. Ou seja, primeiro é necessário constatar que houve crime para depois identificar o responsável pelo ato criminoso. “Embora o Brasil ainda não tenha uma legislação específica, transita no Congresso Nacional uma dezena de projetos de lei tipificando algumas condutas.”

No campo do Direito, a principal questão imposta pela Internet é a desestabilização da territorialidade que, do ponto de vista jurídico, sempre foi pressuposto fundamental. Cada país tem suas estruturas normativas e seus sistemas jurídicos, com autonomia para a construção de soluções e soberania na aplicação das leis. “Esse modelo até hoje funcionou muito bem, mas enfrenta um obstáculo quando se trata da utilização em grande escala da tecnologia da informação. Uma das primeiras consequências desta utilização é o desaparecimento da idéia de territorialidade.”

Segundo Santolin, este é um processo que vem se estabelecendo há algum tempo, mas apareceu de forma mais definida a partir da utilização intensa da Internet. Até então, o uso da tecnologia da informática era restrito a nichos muito pequenos do ponto de vista social. Grandes empresas e corporações financeiras estabeleciam relações baseadas na confiança. Mas, com a facilidade de acesso à rede, aumentam as chances de relações conflituosas entre pessoas em lados opostos do mundo. E qual é a estrutura normativa que vai cuidar desses casos? Esse é um dos questionamentos que Santolin leva para suas aulas.

Já existem indicativos de algumas soluções, embora, para o professor, sejam alternativas questionáveis. Uma delas é a criação de grandes tratados ou acordos internacionais, a exemplo do que já existe em tantas áreas, como a comercial. “Isto parece inviável, porque implicaria buscar acordos sobre questões variadas e geradoras de profundas divergências culturalmente assentadas.”

Outro caminho seria buscar soluções jurídicas fora das estruturas normativas. Ou seja, ações fora do sistema tradicional de fonte jurídica, estruturadas a partir do sistema jurídico de cada país. Esta alternativa, para Santolin, é mais viável, embora só possa ser aplicável em alguns casos.

CRIME ELETRÔNICO

Partindo do pressuposto de que só é crime aquela situação previamente definida como tal, no âmbito virtual esses atos são definidos como crimes informáticos próprios e impróprios. Na primeira situação, a informática é usada apenas como instrumento. Nesses casos, o Direito está aparelhado com figuras penais já existentes. É uma questão de determinar os culpados através de identificação policial, seguido de processo criminal e condenação.

Santolin cita como exemplo o spam atribuído à Receita Federal com o propósito de iludir as pessoas, extraindo dados que depois seriam utilizados para prejudicá-las. É o crime contra o patrimônio, podendo se caracterizar em crime de dano ou estelionato, dependendo do propósito de quem pratica o ato. Nesses casos, e em qualquer outro identificado no sistema jurídico brasileiro, havendo a identificação da autoria do crime, o processo pode correr normalmente.

O grande problema está em ações próprias do espaço



Quem se sentiria seguro ao conversar com estranhos? Muitos problemas podem resultar de um simples clicar de botão

cibernético para as quais ainda não há definição legal, como o envio de spams e a violação de sistemas de computadores sem a intenção de causar prejuízo.

Entretanto, para Santolin, mesmo que não haja esse propósito, um hacker pode provocar sérios prejuízos a instituições ou pessoas em sua tentativa de superar-se no domínio da tecnologia.

“Se entro no sistema de uma empresa e instalo um vírus, fazendo com que ela fique horas fora do ar, provooco um prejuízo fantástico”, justifica. E como a lei não admite a forma culposa, mas apenas a dolosa (quando há intenção de prejudicar), não haverá, neste caso, crime de dano. Poderá caracterizar responsabilidade civil ou patrimonial, mas não haverá crime. Crítico, Santolin defende a criação de uma figura penal específica para esses casos de invasão de sistemas.

Um avanço nesse sentido foi a recente decisão do Tribunal Superior do Trabalho, que autoriza o empregador a exercer controle, “de forma moderada, generalizada e impessoal”, sobre o correio eletrônico disponibilizado a seus funcionários. Os ministros entenderam que o sigilo da correspondência eletrônica diz respeito apenas à comunicação estritamente pessoal.

Spam! Spam! Spam!

Uma das hipóteses sobre a origem do termo spam para definir as indesejáveis mensagens que torpedeiam nossas caixas de correspondência é atribuída à exclamação usada pelo grupo Monty Python numa cena do filme *Santo Graal*. Quando guerreiros arremessam sobre seus inimigos inúmeras latinhas de carne da marca Spam. Eles gritam: “spam! spam! spam!...”

Recentemente, a empresa Hormel Foods, fabricante da carne enlatada Spam, lançou uma edição limitada de um novo sabor para homenagear o grupo inglês em uma lata para colecionadores. O Spam Mel Dourado Graal foi distribuído para os 100 primeiros fãs que compareceram à abertura oficial da peça Spamlot, na segunda-feira, 6 de dezembro de 2004, no Teatro Shubert, em Nova York.

Inclusão no meio digital gera questões polêmicas

No ambiente acadêmico, têm surgido polêmicas quanto à inclusão ou não de artigos, teses ou dissertações no meio digital. Por um lado, alguns pesquisadores se ressentem por não poderem disponibilizar seus textos em páginas pessoais ou mesmo distribuí-los via correio eletrônico a seus alunos. O impedimento acontece porque são textos já publicados em revistas científicas internacionais para quem os articulistas têm que repassar o direito autoral daquele trabalho. “No mundo todo os pesquisadores sentem-se lesados”, comenta a professora Sonia Caregnato. Segundo ela, existe um movimento muito grande no sentido de fazer com que os editores dispensem essa transferência. Outro grande debate em voga na universidade é se seria

aconselhável passar para a forma digital as teses e dissertações produzidas nos diferentes cursos da UFRGS. Sonia diz que o receio é a falta de garantia de que este material não será copiado e usado em outras pesquisas sem referência ao autor. Para a professora, este perigo existe tanto na forma impressa quanto na virtual. Mas é mais fácil que a fraude venha à tona se estiver na forma virtual, já que também os integrantes da banca examinadora e orientadores terão acesso aos diferentes trabalhos. A única ressalva que a professora faz é quanto àquelas investigações que podem vir a resultar na obtenção de patente. Nesses casos, um dos critérios para aprovação é ser registro inédito, o que impossibilitaria a obtenção da patente.

Literatura digitalizada

A professora Sonia Caregnato, da Biblioteconomia da UFRGS, dá algumas dicas:

Projeto Gutenberg – é o mais antigo e tem 6.267 livros eletrônicos: <http://www.promo.net/pg/>

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa – conta com cerca de 200 clássicos da literatura brasileira: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

O Portal Domínio Público – lançado pelo MEC em 2004, com 500 livros: <http://www.dominiopublico.gov.br>

Biblioteca Nacional – com 161 livros de literatura brasileira, além de manuscritos, fotografias, gravuras, partituras, etc., num total de 1.184 objetos digitais: <http://www.bn.br/>

Educação Física cria banco de talentos esportivos

Desenvolvido pelo Centro de Processamento de Dados da UFRGS, sob orientação de especialistas em esporte de alto rendimento da Escola de Educação Física, o banco transformou-se em fonte de detecção de talentos esportivos.

O Projeto Esporte Brasil (Proesp-BR), criado pela Escola de Educação Física (Esef) juntamente com o Ministério do Esporte, tem o objetivo de traçar o perfil sobre hábitos de vida e fatores de aptidão motora de crianças e adolescentes dos sete aos 17 anos, mapeando aspectos referentes ao crescimento, ao desenvolvimento, à nutrição, à aptidão física e à saúde de crianças em idade escolar, relacionados às práticas esportivas.

Adroaldo Gaya, coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (Esef) e do Proesp, esclarece que em qualquer escola do Brasil os professores podem fazer o *download* das informações para aplicar os testes de avaliação, digitar os resultados na planilha no site www.esporte.gov.br/talento_esportivo/, enviar para o Centro de Processamento de Dados da UFRGS e receber um relatório sobre seus alunos, dizendo quais são aqueles que estão na zona de risco para a saúde, na zona adequada, na zona superior e até quem são os possíveis talentos esportivos. “Esse banco de dados está espalhado pelo Brasil e com o Ministério do Esporte foi feito um grande número de avaliações pelo país”, afirma Adroaldo. O programa já foi implantado em todas as capitais brasileiras.

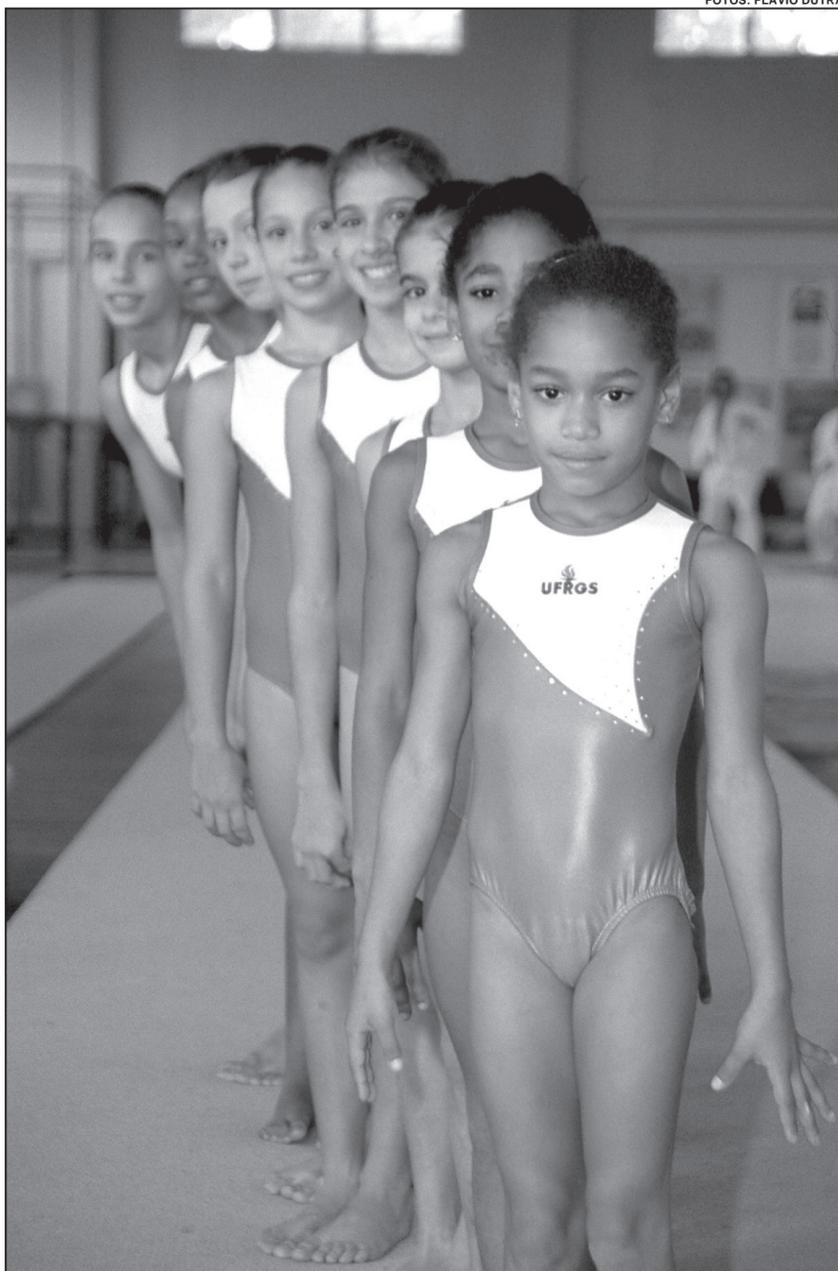
Paralelamente, está em andamento desde o ano passado, uma avaliação nacional que permite traçar o panorama dos escolares. Trata-se de ação ampla que surgiu na Esef desenvolvida em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a partir de um convênio com o Ministério do Esporte e nove universidades públicas brasileiras, chamado Rede dos Centros de Excelência Esportiva (Cenesp). Esse projeto, do qual a UFRGS é a pioneira, foi desenvolvido por professores da Escola e conseguiu investimentos do governo para a avaliação de atletas de alto rendimento no país, além da formação de recursos humanos.

DESCOBRINDO TALENTOS

O Projeto Esporte Brasil tem hoje duas vertentes. A primeira é voltada para o perfil da criança brasileira, com um banco de dados nacional onde figuram perfis de 70 mil crianças do Brasil inteiro, do qual se pretende tirar subsídios para estudar o crescimento, o desenvolvimento, a nutrição e as práticas desportivas de crianças e jovens de todo o país. A outra vertente é a finalidade específica de detectar talentos esportivos. A partir do banco de dados, o CPD juntamente com um grupo de informática do Ministério do Esporte desenvolveram *softwares*, denominados robôs, que ficam localizados em Brasília, e diariamente comparecem ao banco de dados do Projeto Esporte Brasil e dali captam somente as crianças cujos perfis são considerados talentos. Essa metodologia de promover talentos ou detectá-los foi desenvolvida também pelo Setor de Pedagogia do Esporte do Cenesp-UFRGS, a partir de modelos matemáticos multivariados, que possibilitam a detecção de talentos por várias formas. Um deles utiliza um filtro no banco de dados, que pode ser por sexo ou idade, e que permite a qualquer treinador ou especialista em esporte registrar ali as características que compõem o perfil desejado.

No início da atual gestão, detectou-se a necessidade de ter um projeto mais social que abrangesse outras áreas de atuação. O mais próximo era o Projeto Esporte, assim denominado na época. “Apresentamos esse projeto de Porto Alegre e o Ministério gostou da ideia e encampou-o para aplicação em todo o Brasil”, afirma Adroaldo.

Sob o comando do Ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, com a Secretaria Nacional de Esportes de Alto Rendimento, o projeto foi retomado. Em 2004, a UFRGS foi a responsável pela coordenação do



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Projeto desenvolve atividades com crianças de baixa renda e de diferentes idades

projeto em todo o país, comprando material e organizando os métodos de avaliação para todas as escolas do Brasil, utilizando as verbas repassadas pelo ministério. No Rio Grande do Sul existe ainda o apoio do governo estadual através da Fundação de Esportes e Lazer, além das nove universidades e demais instituições de ensino superior envolvidas. De acordo com o coordenador, em 2005 está sendo realizado um mapeamento dos estudantes do Rio Grande do Sul, com a finalidade de implantar o Projeto em 22 escolas superiores de educação física do Rio Grande do Sul. Nos próximos meses deverá ser publicado um relatório com resultados do mapeamento em território gaúcho e, até o final

do ano, será publicado o primeiro relatório nacional por regiões.

Segundo Adroaldo Gaya, é de fundamental importância que os testes usados nas escolas sejam fidedignos e válidos. Mas a preocupação fundamental é de que os procedimentos de avaliação sejam simples e exijam poucos aparelhos. “Mostramos e recomendamos, através do site na página do Ministério do Esporte maneiras simples e baratas de efetuar as medições corporais, como envergadura e passada para que qualquer escola possa aplicar esses testes, bastando que as medidas fiéis”, diz. O professor recebe por meio do banco os números do teste e a avaliação. Se



Testes e avaliações ajudam a identificar novos talentos para as práticas esportivas



Avaliação de atletas

A Esef tem uma equipe infanto-juvenil, campeã panamericana de ginástica olímpica, que treina e compete em nome da UFRGS. Os atletas treinam nas dependências da Esef e participam do projeto, cujo treinamento é acompanhado pelos vários setores dos laboratórios do Centro de Excelência. Conforme o coordenador do projeto, a Esef realizou os testes para a execução do famoso salto duplo mortal carpado, que rendeu medalhas à ginasta Daiane dos Santos. “Fizemos os estudos de viabilidade considerando a velocidade e a altura de saída do solo para ver se ela teria tempo suficiente para fazer os dois giros. Hoje, Daiane faz o duplo estirado. Nosso Centro de Excelência dá esse suporte para o esporte de alto rendimento”, enfatiza.

À disposição de todas as federações para fazer avaliações gratuitas dos seus atletas, a Esef cumpre um compromisso formalizado com o Ministério do Esporte, que repassa os recursos. “O Centro de Excelência da Esef tem o compromisso de atender à comunidade esportiva do Rio Grande do Sul, em todas as modalidades. Avaliamos os atletas de alto rendimento para poder criar os modelos de análises que servirão de instrumento de busca de talentos nas escolas”, ressalta Gaya. Para ele, as universidades encontravam-se distanciadas do esporte formal sem poder obter os modelos, uma vez que os clubes não permitiam que as avaliações fossem executadas. Isso porque o caminho era sempre o mesmo: a avaliação normalmente virava uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado e o clube não recebia informação nenhuma. Havia essa apropriação dos atletas para fins de pesquisa, mas o resultado não trazia benefícios às entidades esportivas. “Agora estamos mudando essa lógica colocando-nos mais a serviço da prática esportiva. É por isso que estamos conseguindo entrar cada vez mais em esportes nos quais não tínhamos chance”, ressalta.

a criança for um talento surge, aqui, um sinal de excelência.

TEORIA E EXPERIÊNCIA

Existem, na Esef, programas de treinamento realizados através de convênios com prefeituras ou escolas. Constam do treinamento: apresentação da filosofia e das concepções do projeto, a maneira como se realizam as avaliações e, também, o modo de uso banco de dados especial, chamado banco de pesquisa. O pessoal, que é treinado pela equipe da Esef, tem uma senha e um nome de usuário, que permitem a essas pessoas coletar dados. “O projeto tem se desenvolvido bastante e está muito evoluído e, hoje, o nosso sonho é concreto”, afirma Gaya.

De acordo com o coordenador, mesmo com limitações, o Proesp ocupou um espaço inexplorado no país, que é a ligação da escola com o esporte formal no Brasil. “O projeto trabalha nas escolas, pois é nelas que se descobrem possíveis talentos esportivos.” Para ele, manter a proximidade sistemática com treinadores, professores e dirigentes a fim de criar modelos para a natação, o basquete ou o voleibol, tem se revelado de grande importância. “Precisamos de profissionais que tenham muita experiência de quadra, sem nos restringirmos à relação acadêmica. A união da Universidade com a prática esportiva formal tem sido proveitosa”, diz. Segundo Gaya, é uma experiência que se transforma em conhecimento científico, colocado à disposição de quem trabalha com o esporte. “O Ministério do Esporte demonstra confiança em nós da Esef, porque vê a sinceridade do trabalho, que é o de auxiliar o esporte brasileiro e, principalmente, propiciar o acesso ao esporte às crianças brasileiras.” (ST)

Retirada precoce das fraldas provoca reincidência de infecção renal em bebês

A pesquisa desenvolvida por uma equipe do Hospital de Clínicas conclui que as crianças que iniciaram o processo de retirada de fraldas mais tarde levam menos tempo para adquirir o controle da micção. E recomenda que a criança seja estimulada a beber bastante água.

Um alto índice de retorno de crianças com infecção urinária que consultam a Emergência Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre levou a Unidade de Nefrologia Pediátrica, sob a coordenação da nefrologista Noemia Perli Goldraich, a desenvolver pesquisa junto a Creche Francesca Zaccaro Faraco da UFRGS para verificar qual a relação do momento da retirada da fralda e a reincidência de infecção urinária na primeira infância. "Verificamos que 15% das crianças com febre, sem outras manifestações clínicas que não as relacionadas com infecção respiratória, que consultam a Emergência Pediátrica na idade de zero a dois anos, apresentam infecção urinária", revela a especialista.

Com base nesses dados, que julga alarmantes, Noemia defende a idéia de realizar diagnóstico na criança ainda no estágio intraútero, quando anormalidades importantes podem ser verificadas, com prescrição de tratamento logo após o nascimento, ou alguns meses depois. Noemia adverte, entretanto, que para que o diagnóstico seja mais preciso a interpretação da ecografia no período pós natal deve ser realizada por especialistas da área. "Do contrário, podem ocorrer operações desnecessárias ou prolação de tratamento. A coisa é desmedida", argumenta.

Numa perspectiva preventiva, a médica defende a necessidade de realizar urocultura em todo lactente que apresente febre. Segundo ela, 20% dos casos de insuficiência renal crônica em adolescentes e adultos jovens podem ser prevenidos através da identificação e tratamento adequado destas crianças com infecção urinária febril.

MITOS E LENDAS

Não é nome de romance, mas a pura verdade. Depois de conversar com professores, aplicar questionário com os pais e fazer observações na Creche da UFRGS, os pesquisadores depararam com idéias arraigadas que podem resultar em doenças renais nas crianças. Um destes mitos é a necessidade de retirar as fraldas no verão, outro, é deixar a criança com as fraldas sujas para causar sensação de incômodo, por fim, e também bastante difundida é a idéia de que a criança não pode sentar em assentos de vasos sanitários de locais públicos. Este último "cuidado", segundo Noemia, serve apenas para causar prisão de ventre nas crianças pois elas ficam contraídas, dificultando a eliminação de fezes e urina.

De posse destas informações, foi montado material ilustrativo e organizadas reuniões primeiro com os profissionais e, na sequência, com os pais. Mesclando informações científicas e exemplos diários de cuidados com os alunos e filhos, os pesquisadores trabalharam diferentes aspectos preventivos como: a retirada de fralda vai depender de cada criança, não há regra para isto; elas devem tomar água com frequência para fazer com que o intestino funcione melhor, evitando constipação.

Conforme ficou constatado pelo grupo de pesquisadores, o período de retirada de fraldas é uma fase do desenvolvimento que envolve uma série de fatores como o respeito à capacidade individual de adquirir novas habilidades, expecta-



FOTO: FLÁVIO DUTRA
Pesquisa demonstra que não há idade certa para a retirada das fraldas

A hora de sair das fraldas

Em 2000 começou a pesquisa com base no trabalho de extensão iniciado em 1998. Os questionários foram respondidos por um total de 127 pais das 135 crianças matriculadas naquele ano na Creche. Destas, 88 tinham controle diurno de urina, e os pais de 78 souberam informar as idades de início do aprendizado e do fim do processo de retirada de fraldas. Uma das conclusões mais importantes foi que as crianças que iniciaram o processo de retirada de fraldas mais tarde levaram menos tempo para adquirir o controle da micção. A pesquisa mostra:

Idade de aquisição do controle diurno de urina: em média, dois anos e sete meses; limite superior da normalidade ocorre quatro anos e um mês.

Intervalo entre o início do processo e a aquisição do controle: em média: quatro meses e meio, tanto para meninos como para meninas. Quanto à duração do processo de retirada das fraldas em relação à idade de início observa-se que:

■ as crianças que iniciaram o processo de retirada de fraldas mais tarde levaram menos tempo para adquirir o controle da micção

■ habilidades como falar, caminhar, sentar e tirar as roupas devem ser adquiridas pela criança antes de se iniciar o aprendizado. Verificou-se que crianças que já tinham quatro dessas habilidades, quando foi iniciado o processo de retirada das fraldas, aprenderam a controlar a urina em dois meses; crianças que tinham três ou menos dessas habilidades, levaram seis meses

■ "Acidentes" durante o processo, 47% das crianças apresentaram "acidentes" de perda de urina após terem adquirido o controle; os "acidentes" duraram no máximo três meses

■ intervalo entre a aquisição do controle da urina durante o dia e a noite: em média dois meses

■ incontinência urinária diurna: crianças maiores de quatro anos e um mês que não controlam a urina durante o dia precisam ser avaliadas; ocorrência de incontinência urinária diurna na creche é de 4,5%.

tativas dos responsáveis, mitos, pressões externas e necessidade de uniformizar as condutas dos profissionais da creche e dos pais. Uma conduta inadequada pode resultar em distúrbio miccional e constipação (prisão de ventre), tendo como possíveis conseqüências incontinência e infecção urinárias, repercussões sociais e conflitos familiares.

A partir deste trabalho integrado da Nefrologia Pediátrica com a Creche, ocorreram algumas

modificações importantes. Uma delas foi a não fixação de idade para a retirada de fralda das crianças. De acordo com a médica, a resposta dos pais foi extremamente favorável a esta nova atitude, baseada em conhecimentos científicos. "Ela precisa ser adotada em todas as creches. Para isso, há necessidade de modificar a legislação. É a Universidade difundindo conhecimentos científicos e agindo em toda a comunidade, modificando atitudes, mitos e lendas." (JCS)

AGENDE-SE

PROJETOS SOCIAIS

Estão abertas até 23 de maio as inscrições para a quinta edição do Curso de Especialização em Projetos Sociais. O programa será desenvolvido por professores da UFRGS e profissionais vinculados a outras instituições com o objetivo qualificar pessoas para a análise das questões sociais contemporâneas e para o exercício do planejamento, coordenação, execução e avaliação de projetos sociais no âmbito de organismos públicos, privados, comunitários e do Terceiro Setor. As aulas iniciam-se em 2 de junho e serão realizadas nas terças, quartas e quintas-feiras, das 19h às 22h15min. Inscrições na Av. Bento Gonçalves, 9500 (prédio D2, sala 215 - Campus do Vale), das 14h às 19h. Informações pelo telefone 3316-7164 ou através do e-mail projsociais@ufrgs.br.

SARAU LITERÁRIO

No dia 31 de maio, o Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS promoverá a atividade de extensão Sarau Literário em Língua Estrangeira, no qual haverá a apresentação e leitura de textos literários em espanhol, com comentários e debate em português. Entre outros temas, serão destacados os 400 anos de publicação do "Dom Quixote", de Cervantes, e outros textos. O encontro terá a coordenação dos professores Ana Maria Kessler Rocha e Ruben Daniel Castiglione e será realizado no Auditório Celso Luft do Instituto de Letras (Av. Bento Gonçalves, 9500 - Campus do Vale), das 10h30min às 12h. A entrada é franca. Informações pelo telefone 3316-6691 ou pelo e-mail ilelet2@ufrgs.br.

BOLSA DE AUXÍLIO À PESQUISA

A Fundação Mapfre - Brasil está oferecendo bolsas de auxílio à pesquisa para as áreas de segurança do trabalho e higiene ocupacional; gerenciamento de riscos e meio ambiente. Serão concedidas três bolsas, uma para cada área. Os projetos devem ser encaminhados até 31 de maio em envelope endereçado a Itsemap - Bolsa de Auxílio à Pesquisa 2005 (Rua São Carlos do Pinhal, 696 - 3º andar), CEP 01333-000, São Paulo SP. Cada trabalho de pesquisa vencedor receberá dotação de R\$ 9.600,00, distribuídos em três parcelas. Os projetos serão selecionados por um comitê, levando-se em conta a viabilidade da proposta, seu conteúdo inovador e sua coerência interna. O resultado será divulgado a todos os participantes até 30 de junho de 2005. O regulamento e a ficha de inscrição podem ser acessados no site <http://www.fundacaomapfre.com.br/bolsa.htm>.

SALÃO DE INICIAÇÃO

A partir de 7 de junho, a Pró-Reitoria de Pesquisa estará recebendo inscrições para o XVII SIC, Salão de Iniciação Científica e a XIV FIC, Feira de Iniciação Científica. Criado em 1989, o SIC surgiu da necessidade de promover o intercâmbio e a divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos estudantes de graduação em todas as áreas do conhecimento. Paralelamente ao Salão, desde 1992 é realizada a Feira de Iniciação Científica, com o objetivo de estimular as apresentações de caráter interdisciplinar e de inovação tecnológica, com o uso de recursos computacionais, gráficos e audiovisuais. O Salão e a Feira serão realizados de 17 a 21 de outubro no Campus Olímpico. Informações no site <http://www.ufrgs.br/propeq/>.

PÓS EM ARQUITETURA

De 1º a 30 de junho, o Propar, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS estará recebendo inscrições de candidatas a seus cursos de mestrado e doutorado. A documentação necessária é descrita no site <http://www.ufrgs.br/propar>. O programa possui seis linhas de pesquisa divididas entre as áreas de "Teoria, História e Crítica da Arquitetura" e "Tecnologia da Edificação e da Urbanização". A secretária do Propar funciona na Faculdade de Arquitetura da UFRGS (Rua Sarmento Leite, 320 sala 201), das 9h às 12h e das 14h às 17h. Outras informações pelo telefone 3316-3485 ou pelo e-mail ppgarq@ufrgs.br.



2º ENCONTRO DE MANUTENÇÃO DA UFRGS
Manutenção nas Universidades Públicas

09 e 10 de junho
Auditório do ILEA

Promoção: Prefeitura Universitária do Campus do Vale

MANUTENÇÃO

Museu da UFRGS apresenta: Pequenos Diálogos

SONIA TORRES
Jornalista

Exposição inaugura o ciclo que o Museu da UFRGS e o Instituto de Artes promoverão ao longo de 2005. Várias modalidades de arte, como escultura, pintura, performance, cerâmica, instalação, arte digital e vídeo serão apresentadas até 16 de julho. O catálogo da mostra será lançado em 31 de maio.

A idéia central da exposição é traçar um diálogo entre o docente e o discente dentro de uma proposta e de um trabalho específico para observar como aluno e professor podem trabalhar juntos. Segundo o curador da mostra e professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Rodrigo Nuñez, a proposta é examinar o diálogo entre o professor e o aluno, que foge um pouco das questões de sala de aula.

Rodrigo diz que é comum reunir professores e alunos em projetos de pesquisas e de extensão, que normalmente estão vinculados ao nome do professor ou ao nome do aluno, mas num projeto de arte dificilmente ocorre. “Queremos ver como realmente pode funcionar um intercâmbio entre esses dois lados, se é que eles existem, e como é que eles dialogam ao redor de um objetivo específico, comum aos dois.”

Além de mostrar a produção recente de professores, a exposição também possibilitará apresentar os trabalhos dos alunos e saber como foram feitas suas escolhas. O mais importante para o curador é que a comunidade da UFRGS conheça a produção artística do Instituto. Para ele, a pesquisa desenvolvida no Instituto acaba não encontrando eco na Universidade.

“A Universidade ainda está um pouco distante da produção artística do IA. Somos uma pequena ilha, estamos afastados do Campus Central e mais afastados ainda do Campus do Vale. Assim, utilizar os espaços culturais da UFRGS é uma forma de promover o reconhecimento. E um espaço do porte do Museu da UFRGS pode se constituir em importante canal”, afirma.

AFINIDADE

De acordo com a proposta, cada professor escolheu um aluno, seja por afinidade (encontrou na produção do aluno as mesmas características de seu trabalho), seja por admiração pela obra do aluno. Ou por um simples procedimento artístico, como utilização de materiais idênticos, mas que resulte em obras diferentes e de qualidade.

Para Rodrigo o mais rico desse diálogo não é a certeza do sucesso e, sim, trabalhar na incerteza dos resultados da tentativa de aproximar dois profissionais, um em formação, outro já formado. Um responsável pela formação do outro. É necessário cuidado entre as duas par-

tes: há dificuldades de acesso, limitações de diálogos e até níveis de interferência entre o trabalho de um e do outro.

De acordo com o curador, são frequentes as interferências durante o processo de criação. “Isso é o mais interessante de tudo, nunca pensei que as intervenções fossem tão profundas e tão distintas.” Rodrigo relata o caso de uma professora que está pintando a quatro mãos com o aluno selecionado. Nuñez acha muito difícil trabalhar assim. “É complicado pintar com outra pessoa. Eu já tive essa experiência com colegas meus.”

Ele revela que a idéia de realizar essa exposição surgiu de uma experiência profissional que teve, no Instituto, com o pintor Eduardo Vieira da Cunha, então seu professor. Rodrigo resolveu pintar uma tela em conjunto e convidou o professor Eduardo, que aceitou. “Ele me ensinou pintando. Foi uma aula de pintura muito mais rica do que seis meses de disciplina.”

DESMISTIFICAÇÃO

O Instituto de Artes tem uma característica peculiar, que é o atendimento praticamente individual dispensado aos alunos. Como boa parte das aulas são dadas em ateliês, os professores se envolvem com as questões apresentadas pelos alunos na execução de seus trabalhos. “O professor tem que se colocar no lugar do aluno para tentar resolver suas dificuldades”, diz Rodrigo. Essa também é uma tentativa de desmistificar a figura do professor, que deixa de ser visto como um mestre inatingível.

O professor é tão importante para o aluno, quanto o aluno é importante para o professor. Teoricamente isso funciona muito bem, mas e, na prática? Rodrigo acha que a exposição será um espelho do que acontece em aula, onde somente é trabalhado o objeto do aluno, sem trabalhar o do professor. “É uma oportunidade dos discípulos se sentirem importantes e respaldados, pois os professores também estarão se submetendo às opiniões.”

Diante da proposta, os alunos reagiram de diversas formas. Alguns foram contra: “não vou expor porque acho antipedagógico escolher um aluno”, ou “o que é que vou dizer para os outros?”, ou ainda “se o professor preferiu um em detrimento de todos os outros, afinal, o que foi que eu fiz?”. Mas também houve respostas positivas e empolgadas. Já, entre os professores, notou-se um certo receio inicial, que depois deu lugar a um grande entusiasmo.

Conforme Nuñez, existe entre os alunos escolhidos um envolvimento e um orgulho de estar participando. São alunos em diversas fases de formação, desde o estágio inicial até o final de curso. Dentre os 22 professores, 21 escolheram um aluno cada um. Mas houve uma professora que convidou a turma inteira. No total 60 pessoas, entre alunos e professores, produzirão 24 obras.

MÚSICA

A mostra terá de tudo: objetos, instalações, arte digital, obras de vídeo-arte, pinturas e esculturas. Como a arte se relaciona com as ou-

tras linguagens, como filmes, livros, contos, poesias, música, o título faz referência aos pequenos diálogos e à intertextualidade. Ainda não se tem idéia do alcance desses diálogos. Uma professora pretende convidar alunos do Departamento de Música para apresentar um batuque, já que seu trabalho envolve sincretismo religioso. Outro professor está fazendo contatos para que o pessoal do teatro realize uma performance no Museu da UFRGS.

O trabalho de Rodrigo, por exemplo, será acompanhado por uma peça musical criada especialmente pela compositora Dúnia Elias, formada pelo Departamento de Música. Como ele produz cerâmica, convidou uma aluna para construir o que chama de ‘Caixa dos pequenos problemas’, uma grande caixa compartimentada, que faz parte da série de trabalhos que vem realizando como professor e como artista.

A mostra “Pequenos Diálogos, Arte e Intertextualidade” estará aberta à visitação até 16 de julho, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h e aos sábados, das 12h às 17h.



Teresa Poester acompanha produção de obra coletiva

FLÁVIO DUTRA

Lançamentos da Editora

Euclides da Cunha: literatura e história (Ed. UFRGS, 342 págs., R\$ 20,00 nas Livrarias da UFRGS), organizado por Gínia Maria Gomes.

“A ninguém ocorreria dizer que sem Tolstói se esqueceria a invasão da Rússia por Napoleão, ou que sem Stendhal não sealaria tanto sobre a batalha de Waterloo. Mas é perfeitamente legítimo supor que sem Homero não teria ficado lembrança nenhuma da Guerra de Tróia e das viagens de Ulisses”. Esse paralelo foi proposto por Antonio Callado no prefácio de *Canudos 100 Anos* (Ed. Textual, Rio de Janeiro, 1997), com relação a Euclides da Cunha e a Guerra de Canudos. Em 2002, ano do centenário do livro que registrou o conflito, foi realizado em Porto Alegre o “IV Fórum de Literatura Brasileira: Os sertões e o ensaio no Brasil”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino César. Desse encontro resultaram os 25 ensaios que compõem *Euclides da Cunha: literatura e história*, que a Editora da UFRGS está lançando.

O livro organizado pela professora de Literatura Brasileira da UFRGS, Gínia Maria Gomes, uma das coordenadoras do Fórum de 2002, contempla não só o “livro vingador” de Euclides da Cunha, mas também outros ensaios do autor. Nos artigos dos apreciadores da Literatura, não só a estrutura é objeto de análise, mas também o tema da guerra, com suas crônicas, narrativas e filmes. Trata-se de uma publicação bastante abrangente sobre um escritor único: “Euclides da Cunha pós esse país numa guerra que jamais cessou. Não existe, em nenhuma outra literatura moderna, livro mais inquietante, mais vingador, que *Os sertões*”, completaria Antonio Callado.

“As dimensões do Nordeste e da alma brasileira começam a ser demarcadas pelo gênio de Euclides da Cunha, escritor de natureza convulsionada que, pela literatura e pela sociologia nacional, passou (...) a revolver tudo, sempre de baixo para cima, sublevando camadas profundas da nossa estratificação étnica”, afirmou Paulo Dantas em *Os sertões de Euclides e outros sertões* (Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, 1969). Sergius Gonzaga, na orelha de Euclides da Cunha: literatura e história, afirma que os textos ali apresentados são muitas vezes surpreendentes e inovadores e partilha opiniões parecidas sobre *Os sertões*, finalizando: “Um livro que atravessou o século e ainda não esgotou seu alcance estético, social e político”.

Paleobotânica (Ed. UFRGS, 167 p., R\$ 20,00 nas Livrarias da UFRGS), de Roberto Iannuzzi e Carlos Eduardo Lucas Vieira.

A obra é a primeira publicação da Série Didática do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia da nossa Universidade e poderá ser utilizada como livro-texto nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação de Biologia e Geologia. Apesar do crescimento de publicações na área no Brasil, como a recente criação da *Revista Brasileira de Paleontologia*, o material didático de Paleobotânica ainda é raro.

A Série Didática, bem como este livro especificamente, vem a serviço dessa divulgação na língua portuguesa. A publicação teve lançamento especial no encerramento da exposição “Antes dos Dinossauros” organizada pelo Departamento de Paleontologia e Estratigrafia em parceria com o Museu da UFRGS. Na mostra, que divulgou parte do acervo de fósseis da universidade, foram expostos vários exemplares de fósseis vegetais, muitos dos quais oriundos do município gaúcho de Mariana Pimentel.

Como e onde os vegetais tornam-se fósseis é o ponto de partida da obra, constituindo os tópicos do primeiro capítulo, como os tipos de fossilização e sua preservação. O segundo capítulo aborda a história evolutiva do mundo vegetal; sempre do ponto de vista do registro fóssil. Já o terceiro e último capítulo trata das aplicações da Paleobotânica. Na publicação, ainda constam um glossário, sugestões de bibliografia e sites, uma escala geológica de tempo e as respostas dos exercícios propostos ao final dos capítulos 1 e 3. Os autores afirmam que, para construir esse “texto introdutório dedicado a todos aqueles que, acadêmicos ou leigos, tenham o desejo de iniciar-se na fascinante área da Paleobotânica”, procuraram usar uma linguagem acessível, “mas sem incorrer em laicismo barato que desagradasse ao técnico e ao especialista mais exigente”.

Roberto Iannuzzi, professor do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia da UFRGS e pesquisador CNPq, graduou-se em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, é mestre em Geociências pela Universidade de São Paulo e doutor em Geociências pela UFRGS, tendo realizado pós-doutorado na *University of Pennsylvania*. Carlos Eduardo Lucas Vieira é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre e doutor em Geociências pela mesma universidade. (CAROLINE DA SILVA)



Professor Rodrigo Nuñez, curador da exposição

FLÁVIO DUTRA

REPRODUÇÕES/EDITORA

Unimúsica traz Carlos Malta e Banda Pife Muderno

Terceiro show da série dedicada à música instrumental será realizado no Salão de Atos da UFRGS, no dia 2 de junho, às 19h, com entrada franca. A retirada de senhas para ingresso pode ser feita a partir de 31 de maio, na bilheteria do Salão.

Um dos mais respeitados músicos brasileiros se apresentará para o projeto Unimúsica de junho ao lado da banda que ele criou: Carlos Malta e Pife Muderno.

Maestro, compositor, arranjador, educador e um virtuose no saxofone e na flauta, Carlos Malta acompanhou o grupo de Hermeto Pascoal durante 12 anos e, ao longo da carreira, tocou ao lado de artistas como Egberto Gismonti, Pat Metheny, Ernie Watts, Gil Evans, Marcus Miller, Charlie Haden, Wagner Tiso e Nico Assumpção. Pesquisador aplicado de novas sonoridades, aprendeu a tocar por conta própria instrumentos étnicos como o *pife*, o mais brasileiro dos instrumentos de sopro, o *shakuhachi* do Japão e a *di-zi*, flauta de origem chinesa. Sua discografia inclui seis discos, sendo os dois últimos "Pimenta" e "Pixinguinha Alma e Corpo", lançados em 2000. Carlos Malta participou dos festivais de música de Cannes, Montreal, Hamburgo, Paris e Vancouver. Até o final deste ano, pretende lançar o DVD "Pife Muderno ao vivo", gravado no SESC Rio de Janeiro. Em entrevista via e-mail para o Jornal da Universidade, o músico fala de sua formação e da qualidade da produção instrumental brasileira.

Como se dá a formação de um multi-instrumentista?

Sou feito de som, penso em música e ouço as coisas de forma musical. Quando estou tocando, quero traduzir o momento em som e não sou do tipo de cara que decora as frases para tocar em cima dos acordes. Minha arte é espontânea e instantânea e isso está ligado aos instrumentos que você vai juntar, assim como as cores e texturas que exigem uma harmonia e um ritmo para envolverem o todo. Tudo isso produz uma cortina sonora, como no Pife Muderno, que não tem baixo, nem piano, nem guitarra, mas você ouve o mesmo espectro.

Há uma "redescoberta" da música instrumental no Brasil? Os espaços de divulgação são melhores hoje do que antes?

Essa música sempre existiu, desde as bandas dos índios. Esse som tribal na verdade traduziu toda a trajetória do país e aparece até mesmo no trabalho dos jovens músicos que foram para os EUA para aprender a tocar. Mas os espaços de divulgação hoje são menores. Cresci lendo a toda hora matérias e entrevistas com gente como Egberto, Nivaldo Ornelas, Paulo Moura, Victor Assis Brasil. Todos gravavam em multinacionais, as rádios tocavam Zimbo Trio, Hermeto e os festivais, até mesmo os de rock, sempre tinham a noite da música instrumental. Hoje, o Festival de Montreux tem uma noite brasileira em que essa música fica de fora. Um festival como o Planeta Atlântida deveria privilegiar o músico, mas quem manda ali não entende nada de som.

O teu lado professor acredita que as crianças estão mais abertas a descobrir a riqueza da nossa música?

Elas estão aptas a gostar do que for apresen-

tado, assim como eu, que cresci vendo o Altamiro Carrilho na TV. Isso foi de suma importância na minha vida. Havia na TV Globo os *Concertos para a Juventude*, que eram transmitidos domingo de manhã bem cedo. Eu não perdia um. Acredito que exista muito talento nesse país para receber do bom e do melhor, mas eles precisam saber que isso existe. Temos que estar no rádio, na TV, na revista. Eu mesmo me interessei por tocar a partir de uma matéria chamada "Leve a vida na flauta", publicada na Revista Pop, em 1972 e, até hoje, estou aí...

O espetáculo para o Unimúsica reunirá composições próprias como *Tupyzinho*, *Lá no Suxzano* e *Pipoca moderna*, ao lado de arranjos para clássicos como *Ponteio* (Edu Lobo e Capinam) e *Arresta pé alagoano* (Hermeto Pascoal), que fazem parte do CD "Carlos Malta e Pife Muderno", indicado ao prêmio *Grammy Latino* de 2000 na categoria Raízes. Integram a banda o mestre do pandeiro, Marcos Suzano, que já esteve na UFRGS se apresentando para a edição 2003 do Unimúsica; a flautista, Andréa Ernest Dias; e os percussionistas Oscar Bolão (pratos e tarol) e Durval Pereira (zabumba).

No dia 1º de junho, véspera do show, Carlos Malta ministrará a oficina "A diversão da música" para crianças de 6 a 12 anos de idade. Na



"Sou feito de som e ouço as coisas de forma musical"

atividade, que tem inscrições gratuitas e será realizada no Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277), a partir das 14h, o músico irá abordar a origem, as possibilidades e o futuro possível das bandas de pifanos no Brasil. Mais informações pelos telefones 3316-3034 e 3316-3390. (AC)

Primeira semana de música contemporânea da UFRGS

JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO
Jornalista

Evento, com concertos de músicos eruditos locais e dos EUA, workshops e masterclasses, será realizado Instituto de Artes.

A Universidade terá sua Primeira Semana de Música Contemporânea de 31 de maio a 3 de junho, numa promoção do Departamento de Música e do Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes. A programação reunirá concertos gratuitos especiais, *workshops* e *masterclasses* de piano, composição, violino e saxofone. Entre os destaques do evento, a presença do grupo de jovens virtuosos *Second Instrumental Unit*, de Nova York, liderado pelo violinista David Fulmer e pelo saxofonista Eliot Gattegno; e do Duo de Piano, composto por

Jon Sakata e Jung Mi Lee, de Boston. Esses músicos norte-americanos farão concertos com entrada franca no Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes, nos dias 1º e 2 de junho, às 20h. No mesmo local e horário, os concertos dos dias 31 de maio e 3 de junho, abrirão espaço para apresentações de professores e alunos dos cursos de Graduação e da Pós-graduação em Música da Universidade.

David Fulmer, violinista, líder do grupo *Second Instrumental Unit*, está gravando a obra completa para violino de Elliott Carter e obras inéditas de Milton Babbitt, Robert Cogan, Pozzi Escot, Witold Lutoslawski, Ralph Shapey e Christian Wolff e, recentemente, recebeu a medalha de ouro *George Whitefield Chadwick*.

Sobre o pianista Jon Sakata, do Duo de Piano, Michael Manning do *Boston Globe* escreveu: "A coisa mais maravilhosa da sua performance - e há muitas coisas maravilhosas - foi a extraordinária profundidade emocional e espiritual que ele encontrou nas obras para piano de maior rigor intelectual do século XX."

Outro destaque da Semana será o compositor norte-americano Jack Fortner, professor da Universidade da Califórnia em Fresno e diretor artístico do grupo *Orpheus* de música contemporânea. Fortner recebeu vários prêmios por suas composições, entre eles *The American Prix de Roma* e irá realizar um *workshop* e uma *masterclass*.

As inscrições poderão ser feitas até 31 de maio na Coordenadoria da Extensão do Departamento de Música do Instituto de Artes (*Rua Senhor dos Passos, 248 - 6º andar*), com preços variando de R\$ 45,00 para alunos da UFRGS a R\$ 60,00 para pessoas da comunidade. Os participantes terão direito a certificado de frequência. Mais informações na Secretaria de Comunicação do Instituto pelo telefone 3316-4318 ou pelo e-mail iaeven@ufrgs.br.

Aprendendo a arte do teatro

Em 1998, o DAD, Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS ofereceu a primeira turma do curso de extensão Introdução à Interpretação Teatral.

Realizadora e coordenadora do projeto, a professora Cecília Reckziegel acreditava que a diversidade de pessoas envolvidas seria um dos pontos fortes do curso, pois as diferenças de idade, profissão e trajetória terminariam por enriquecer a aprendizagem dos alunos. O sucesso foi tamanho que, em 2002, o DAD criou uma espécie de continuação do curso instituindo o *Laboratório de Interpretação Teatral*, para aquelas pessoas que quisessem aprofundar sua experiência na área dramática.

Cecília ressalta que *Corpo, Voz e Ação* é um curso de introdução à interpretação e não um formador de atores. A didática é de nível básico com a súmula baseada nas disciplinas do primeiro e segundo semestres do curso de graduação em Interpretação Teatral desenvolvido pelo Instituto de Artes. Contudo, "a partir do momento em que começamos a formar alunos no curso básico, surgiu o interesse na continuidade das aulas e foi assim que, em 2002, iniciamos o segundo curso: o LIT, *Laboratório de Interpretação Teatral*", conta a coordenadora. O LIT tem nível intermediário e dá seguimento ao curso de introdução, no entanto, não

é essencial ter participado do *Corpo, Voz e Ação* para fazer a matrícula. O aluno precisa apenas entregar uma breve carta de intenção contando a sua experiência com teatro. Para ambos os cursos, o único pré-requisito é que o aluno tenha mais de 15 anos de idade.

A professora afirma que muitos dos alunos querem aperfeiçoar sua "atuação" na profissão que escolheram, porém não são raros os que decidem seguir interpretando e prestam vestibular para o curso de Arte Dramática.

FORMANDO PÚBLICO

Para Cecília Reckziegel, formar um público mais crítico e interessado em teatro é também um dos objetivos dos cursos, além de proporcionar a experiência com a interpretação. "A partir do momento em que mais pessoas têm um maior conhecimento da interpretação, a platéia se torna mais exigente e as peças de qualidade ganham o devido reconhecimento", afirma a professora, "não apenas os alunos do curso, mas as famílias que assistem à peça de encerramento, ou os amigos que acompanham a formação do aluno acabam por se interessar por teatro e a divulgação do nosso trabalho ocorre naturalmente".

Os cursos deste ano tiveram início em 16 de maio e, no final do segundo semestre, o resultado de tanto trabalho poderá ser conferido através dos espetáculos que as turmas irão apresentar. Quem quiser saber mais sobre as atividades voltadas para a comunidade, desenvolvidas pelo Departamento de Arte Dramática, pode entrar em contato pelos telefones 3316-3559 e 3316-3161. (TANIRA DORNELLES)

Filme retrata periferia da globalização

A segunda edição do projeto Cinema, Pesquisa e Extensão exibirá gratuitamente, de 30 de maio a 3 de junho, o filme *A Cidade está Tranquila* (*La Ville est Tranquille, França, 2000, 127 min*), de Robert Guédiguian, na Sala Redenção da UFRGS.

O cineasta ganhou visibilidade no Brasil a partir de 2002, devido a sua participação no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, quando lançou o filme em questão. Guédiguian apóia o combate à ocupação norte-americana do mercado cinematográfico e, em seu trabalho, valorizado por revistas especializadas como *Cahiers du Cinéma*, manifesta preocupação com as desigualdades sociais e posiciona-se contra a globalização. Suas mensagens denunciam a falta de utopia e reafirmam a fé no ser humano

A Cidade está Tranquila traz um amplo painel sobre os problemas de Marselha, cidade natal do diretor, e cenário preferido de seus filmes. Mas o público não deve se enganar com o título, a cidade não está tranquila, pelo contrário. Nela são comuns histórias de prostituição, racismo, desemprego, violência e radicalismo, elementos que fazem parte do cotidiano dos personagens retratados.

O filme será exibido em sessões diárias às 18h30min. No dia 1º de junho, após a apresentação, haverá um debate com a participação de professores convidados. A Sala Redenção funciona na Av. Paulo Gama, s/nº, ao lado do bar Antônio Lanches, no Campus Central. Outras informações pelo telefone 3316-3390. (DALVA BAVARESCO)



O Duo de Piano: Jon Sakata e Jung Mi Lee

Fernando Cláudio Zawislak: “Sem pesquisa não se vai a lugar nenhum”

ADEMAR VARGAS DE FREITAS
Jornalista

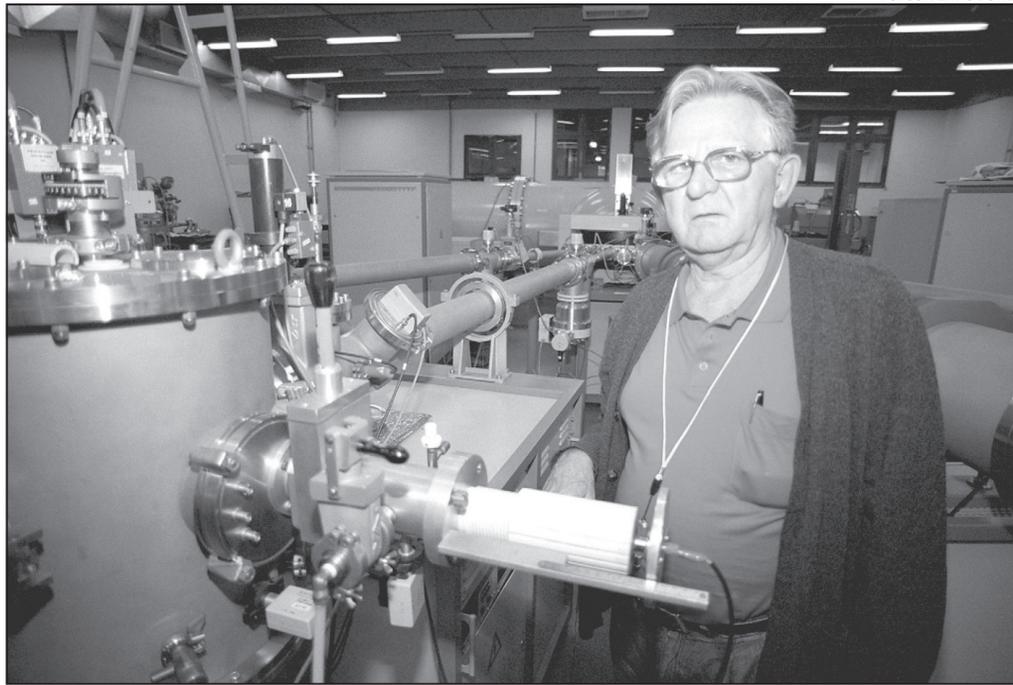
Ele pisou pela primeira vez na UFRGS há 50 anos. E não saiu mais. Mesmo aposentado, continua trabalhando como orientador e como físico no maior e mais bem equipado laboratório experimental na área de Implantação Iônica da América do Sul, que ajudou a desenvolver.

Fernando Cláudio Zawislak nunca aceitou cargos que o afastassem da UFRGS, onde foi aluno, auxiliar de laboratório, professor auxiliar, jovem pesquisador, professor de laboratório, mestre, doutor, orientador, diretor do Instituto de Física, pesquisador, desbravador, lutador. Formou mais de 30 mestres e doutores, produziu muito (só no ano passado, publicou dez artigos), frequentou muitos congressos e esteve em mais de 60 países. Sempre lutando pelo desenvolvimento da pesquisa, que vai muito bem nas universidades, mas não é aquela que a indústria necessita.

“Desenvolver um produto industrial exige segredo e rapidez, mas nossos projetos são abertos, para que todos aprendam, e demorados. O Brasil precisa de uma política industrial que ofereça mais incentivos fiscais e facilite a obtenção de recursos financeiros e humanos para a realização de pesquisa na indústria.”

TÁ MALUCO?

Os avós paternos e o pai vieram da Polônia em 1911, estabelecendo-se como agricultores na região das Missões. Fernando nasceu a 5 de fevereiro de 1935, em Laranjeiras, distrito de Santa Rosa, que hoje é o município de Ubiretama. Depois dele, Estanislau e Irene tiveram Boleslau, Alcília e Luci (que também se tornou professora do Instituto de Física).



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Em Giruá, o pai montou uma venda e pôde mandar os guris estudar em Três de Maio e em seguida, como internos do IPA, em Porto Alegre. Fernando deixou o internato para trabalhar no Bier-Ullmann, firma de eletrodomésticos, e completou o Científico à noite, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Queria fazer Engenharia, ou Arquitetura, mas mudou de idéia depois de assistir a uma palestra. Quando falou em fazer vestibular para Física, o patrão botou as mãos na cabeça: “Tá maluco? Essa área não tem futuro no Brasil!”. Zawislak trocou a firma por um banco, que abandonou mais tarde para ser ajudante de laboratório na UFRGS, pela metade do salário.

Acertou. Ao se formar, em 1958, foi contratado como auxiliar de laboratório na Escola de Engenharia e passou um mês estudando na USP. Foi um dos primeiros jovens pesquisadores e o primeiro professor de laboratório da graduação a trabalhar no recém criado Instituto de Física (1959).

Por essa época, os professores Gehrard Jacob, Darcy Dillemburg

e Theodor Maris, todos teóricos, resolveram que se faria pesquisa experimental no IF. Incentivado por eles, Zawislak voltou à USP, em 1960. Ficou um ano e meio adquirindo experiência em acelerador Van de Graaff, com o professor Oscar Sala. Em 1961 fez concurso para professor auxiliar do Departamento de Física, na Faculdade de Filosofia.

CASOU COM A ALUNA

Dando aula de laboratório, conheceu Beatriz, aluna aplicada e atraente. Convidou-a para ajudante e acabou casando com ela, em 1962. Paulo, o único filho, nasceu em 1967, quando o pai começava a trabalhar em pesquisa e concluiu o doutorado, sob orientação do professor convidado John Rogers (EUA).

Zawislak foi o primeiro a doutorar-se em Física com pós-graduação no Estado. Logo foi estudar no California Institute of Technology, onde começou o programa espacial americano. “Fiquei dois anos num ambiente de alta pesquisa, cheio de prêmios Nobel: Richard Feynmann, Murray Gel-

Mann, Phillip Anderson e Rudolph Mossbauer, junto a quem trabalhei.”

Ao retornar, em 1969, começou a desenvolver um grupo de pesquisa, formando vários profissionais. E trocou a Física Nuclear pela Física do Estado Sólido. Faria outra troca em 1979, durante estágio como professor visitante, em Orsay, perto de Paris, quando se encantou com a Implantação de Íons. Ao retornar, na metade de 1980, conseguiu que a Finep financiasse a compra de um acelerador de 500 mil volts, que custou meio milhão de dólares e foi instalado em 1981 num prédio que o reitor Ferraz mandou construir no Campus do Vale.

Aí, iniciou um novo grupo de pesquisa, que agora abriga 12 professores, 30 alunos de pós, 20 de iniciação científica e vários técnicos, que operam três máquinas. “Tem seis milhões de dólares investidos aí, e isso já proporcionou um desenvolvimento muito grande em áreas novas.” Zawislak se orgulha de estar entre os pesquisadores que mais recursos trouxeram para a UFRGS em projetos de pesquisa.

O comendador se diverte e se emociona

Zawislak nunca foi muito de esporte – quando criança, preferia exercitar suas habilidades tentando construir uma bicicleta de madeira – mas gosta de caminhar, de dançar, de dirigir, de passar o verão na praia, em Morro dos Conventos (SC), de frequentar os concertos da OSPA. E tem um divertimento especial: cozinhar.

“Muitas vezes, quando tenho problemas, chego em casa, abro uma garrafa de vinho tinto e preparo um belo prato. Às vezes, só vou comer no dia seguinte, mas ter produzido aquilo já me deixa bem.”

Há pouco, ele foi convidado para um churrasco e, no fim, era uma homenagem para ele mesmo. Veio o reitor, o vice-reitor, gente daqui, de Brasília, da Argentina, de Portugal. Ele simplifica, modestamente: “Falaram sobre a minha carreira, exageraram um pouco, e me ofereceram uma placa e um livrinho com palavras elogiosas”.

Mas não pode esconder o orgulho: a Ordem Nacional do Mérito Científico, em nível de comendador, que ele já havia recebido, teve um *up-grade*: foi elevada a Ordem da Gran Cruz. No mês passado, ele esteve em Brasília para receber a faixa, a meda-

lha e a passadeira das mãos do presidente Lula. Foi homenageado até em Cuba (é professor especial convidado na Universidade de Havana).

Diante de tantos abraços, gestos, sorrisos e elogios, procura dividir a glória: “O professor Milton Formoso, da Geologia, também recebeu a Ordem da Gran Cruz”. Mas acaba se entregando à emoção de ver seu trabalho reconhecido. “Estou muito feliz com essas homenagens, me sinto leve como se tivessem tirado um peso da minha cabeça.”

Aposentado compulsoriamente aos 70 anos, com saúde e com tanta coisa para fazer e ensinar, Zawislak não pretende parar. Pergunte se vai ficar em casa tomando chimarrão, e ele responderá com outra pergunta. “Tenho três alunos de doutorado, um de mestrado e dois de iniciação científica: eu vou ficar em casa?”

Além de orientar alunos, vai continuar na pesquisa. E tem mais do que se ocupar. “Quando a gente fica velho, vira uma espécie de conselheiro, sou membro do conselho de várias organizações. Eu queria tanto que fosse aprovada a lei que estende a aposentadoria compulsória para 75 anos!”

TARZAN EM POLONÊS

“Bons professores me fizeram gostar de Física e Matemática. Também influíram na minha formação o diretor da escola primária, que dava aulas contando coisas culturais, e um amigo do meu pai, que tinha uma grande biblioteca com livros poloneses. Quando vim para Porto Alegre, ele me mandava pelo trem caixas e caixas de livros. O polonês que falo hoje devo também a esses livros. Tinha Tolstoy, Dostoiewski e até Tarzan.”

NA PLANURA

“Fui várias vezes à Polônia. Em 1960, durante o regime socialista, passei dois meses lá. Percorri o país, visitei parentes. Um ano atrás, estive numa conferência numa vila junto ao Rio Vístula, a uns 70 quilômetros da aldeia de onde saiu meu avô. Fiquei emocionado. Afora um trecho dos Montes Cárpatos, no sul, o território polonês é plano, tão plano que eles chamam de Montanha da Pedra, uma elevação de 40 metros.”

A LÍNGUA DESLANCHA

“Se vou à Polônia, em um ou dois dias me polonês deslancha. Até me perguntam há quantos anos estou no Brasil. Também entendo tcheco e russo, e falo francês, espanhol e inglês. No início só conhecia o inglês científico. Fui aprender o inglês do dia-a-dia quando morei na Califórnia. Eu era capaz de escrever artigos, mas não conseguia me comunicar num supermercado.”

CALOR HUMANO

“Morei nos Estados Unidos e na França, vivi dois meses na Inglaterra, dois meses no Canadá e visitei muitos países, mas quero viver mesmo é no Brasil. Dizem que o povo brasileiro é isso e aquilo, mas eu acho o povo brasileiro fantástico. Tive oportunidade de ficar mais tempo nos EUA, ou de morar definitivamente no Canadá, mas não aceitei. Aqui se tem contato com as pessoas, aqui há calor humano.”

PÉ-DE-VALSA

“Sempre fui um pé-de-valsista. Quando jovem frequentava a Sociedade Polônia e o Gondoleiros, especialmente no Carnaval. Logo que casei, meu sogro nos convidou para um jantar no Rotary Club. Com Beatriz, encarei um concurso de tango em que o prêmio era um peru. Dançamos, dançamos, dançamos e, no fim, sobraram dois casais, nós e um outro. Tiveram que arranjar mais um peru, às pressas.”

NALISTA

“Não sofri com a ditadura mas, quando professor assistente, cheguei a ir à casa de dois colegas para dar apoio. Como estive na Polônia, uma vez, um amigo telefonou de Brasília, dizendo que meu nome estava numa lista. Não me preocupe. É como agora: quando entro nos EUA me perguntam o que fui fazer em Cuba. Eu respondo: A mesma coisa que venho fazer aqui, dar conferência e trabalhar em pesquisa.”

VIDA E MORTE

“Até os 60 anos, não se pensa nisso. Depois, se começa a pensar, principalmente quando morre um amigo. Mas não tenho medo nem da vida nem da morte, tem que ser como foi planejado. Além disso, os netos me dão uma idéia de preservação. A gente sabe que vai, mas eles vão ficar aí, com o nome da gente. O Pedro tem 8 anos e o Rafael tem 6. São filhos do Paulo e da Sílvia.”

“Quem não me conhece me acha sério. E eu sou sério mesmo”

